

Tradução de Susana Martins

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

*Frutos
Proibidos*

SYLVIA DAY



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido.

Dedico este livro com gratidão aos meus superagentes Pamela Harty e Deidre Knight. A missão de que os incumbi, e que aceitaram, foi a de me levarem até onde eu queria ir. Fizeram-no impecavelmente. À medida que os meus objetivos se tornam mais ambiciosos, elas progridem também.

Muito obrigada, P & D.

Abraços!

Esta história foi amavelmente resenhada pela magnífica Annette McCleave (www.AnnetteMcCleave.com). Obrigada, Annette!

O nome da personagem Lyssa foi escolhido a pensar na minha leitora e amiga, Alyssa Hurzeler. Obrigada pela tua honestidade.

Obrigada, Rose Shapiro, pela tua assistência editorial e pelas tuas sugestões. Ajudaste-me imenso.

Obrigada aos Allure Authors (www.AllureAuthors.com) por me apoiarem. Este trabalho, às vezes, é muito duro. A vossa amizade e o vosso apoio tornam tudo mais fácil.

E obrigada à minha editora, Erika Tsang, pelo contrato para a série de livros e por demonstrar tanto entusiasmo. Estou-lhe muito agradecida.

Prólogo

A mulher por baixo de Aidan Cross estava apenas a alguns segundos de um orgasmo poderoso. Os seus gritos guturais enchiam o ar, incitando o seu destinatário a que se aproximasse mais.

Depois de muitos séculos a proteger mulheres desta forma, ele sabia reconhecer os sinais e ajustou a sua investida de acordo com eles. As suas ancas escorreitas erguiam-se e baixavam com um movimento incansável, penetrando com o seu membro as cremosas profundezas dela de uma forma perfeita. Ela arfava, arranhava a pele dele e encurvava-se.

— Sim, sim, sim...

O resfolegar dela fê-lo sorrir, e a força do seu clímax iminente enchia o quarto de um brilho que apenas ele conseguia ver. Nos limites do Crepúsculo, onde a luz da paixão dela se encontrava com a escuridão dos seus mais íntimos receios, os Pesadelos aguardavam com uma excitação palpável. Mas ele manteve-os longe.

Trataria deles dali a segundos.

Agarrando nas nádegas dela, Aidan elevou-lhe as ancas de forma a que cada profunda estocada fizesse com que o seu membro roçasse o clítoris dela. Ela veio-se soltando um grito, e a sua vagina emitiu ondas orgásticas ao longo do pénis dele. O corpo dela mo-

veu-se com um abandono selvagem e temerário que nunca antes revelara sem ser a dormir.

Manteve-a ali, suspensa naquele arrebatamento, a absorver a energia criada por aquele sonho. Ele realçou-a, aumentou-a e devolveu-a através dela. Ela começou a afundar-se no mais profundo estado onírico, o mais sereno, longe do Crepúsculo onde era vulnerável.

— Brad...

Suspirou ainda antes de se afastar completamente.

Aidan estava ciente de que esse encontro não tinha passado de uma ilusão, uma ligação mental. A pele de ambos tinha-se tocado apenas no inconsciente dela. Para ela, contudo, tudo aquilo tinha parecido completamente real.

Quando se assegurou de que ela estava a salvo, Aidan afastou-se do corpo dela e despiu a pele da sua fantasia. De baixo da fachada de Brad Pitt emergiu o seu verdadeiro corpo: mais alto, de ombros mais largos, com o cabelo a mudar para o seu mais curto e preto natural e o azul das íris escurecendo até ao seu tom translúcido de safira.

Os Pesadelos contorciam-se de antecipação, e os seus corpos sombrios ondulavam nas margens da consciência do Sonhador. Nessa noite tinham aparecido vários, e ele estava só. Enquanto erguia o gládio, Aidan sorriu com franqueza. Adorava quando eles o enfrentavam numa tal desproporção. Uma eternidade de luta tinha-o deixado rancoroso, e aproveitava ao máximo cada oportunidade para se vingar nos Pesadelos.

Com uma graciosidade nascida da prática, Aidan fletiu o braço que empunhava a espada com movimentos sinuosos, usando o peso considerável da lâmina para mudar o foco dos seus músculos da tensão sexual para a agilidade do guerreiro. Algumas das suas qualidades podiam ser aumentadas em sonhos, mas enfrentar inúmeros oponentes requeria uma perícia inata.

Quando se sentiu pronto, murmurou:

— Vamos a isto?

E, num poderoso movimento para a frente, Aidan desferiu a primeira estocada fatal.

...

— Teve uma boa noite, capitão Cross?

Aidan encolheu os ombros e continuou a dirigir-se na direção do Templo dos Anciãos, com passadas largas que faziam a túnica preta rodopiar em torno dos seus tornozelos.

— Como sempre.

Acenando uma despedida ao Guardião que se lhe tinha dirigido, Aidan atravessou o enorme portal *torii* do templo e viu-se no pátio central a céu aberto. Enquanto caminhava descalço sobre o frio piso de pedra, uma brisa suave remexia-lhe o cabelo e despertava-lhe os sentidos com a sua fragrância. Pleno de energia como se sentia, teria podido ficar a combater por muito mais tempo, mas os Anciãos proibiam-no.

Há muito tempo que tinham instituído a obrigação de que cada Guardião regressasse ao complexo do templo a intervalos regulares. Afirmavam que isso se destinava ao seu descanso, mas Aidan sabia que essa não era a única razão. Os Guardiões precisavam de muito pouco tempo de descanso. O portal em arco atrás de si era o verdadeiro objetivo da ordem de regresso regular. Enorme e pintado de vermelho vivo, era tão imponente que obrigava cada Guardião a olhar para cima e a ler o aviso gravado no idioma antigo: “Cuidado com a Chave que roda a Fechadura.”

Dada a falta de provas, tinha começado a duvidar da existência da Chave. Talvez a lenda fosse apenas um instrumento para inculcar o medo, para impelir os Guardiões para a frente, para os manter atentos e impedir que se distraíssem das suas obrigações.

— Olá, capitão.

Virou-se no sentido daquele suave ronronar e encontrou os olhos negros de Morgan, uma das Guardiãs dos Jogos, cuja missão consistia em inculcar sonhos em que se fazia surf na praia ou se participava numa festa de casamento, entre outras atividades lúdicas. Abrandando o passo, alterou o seu rumo e dirigiu-se para a coluna de alabastro de fuste estriado atrás da qual ela espreitava.

— Que fazes por aqui? — perguntou ele, encurvando a boca num sorriso indulgente.

— Os Anciãos estão à nossa procura.

— Ai sim? — Franziu as sobrancelhas. Ser-se chamado pelos Anciãos era raramente motivo de contentamento. — Então estás escondida? Esperta.

— Vamos passear junto ao ribeiro — sugeriu ela num sussurro rouco — e já te conto o que me disseram.

Parvo é que ele não era, pensou Aidan de imediato. Quando uma bela Jogadora estava com vontade de brincar um pouco, nem pensar em recusar a oferta.

Conduzindo-a furtivamente, ele desceu da plataforma de mármore em direção à zona coberta de erva. Descendo com Morgan pelo declive que conduzia ao ribeiro de águas mornas, Aidan aproveitou o momento para apreciar a beleza cristalina daquele novo dia e da vista panorâmica de colinas verdejantes, ribeiros borbulhantes e sonoras cascatas. Para além do horizonte, esperava-o a sua casa. Veio-lhe à mente uma imagem de portas *shoji* de correr e tapetes *tatami* sobre um soalho de madeira. Estava modestamente mobilada, e abundavam as cores de tons serenos; tudo fora escolhido tendo em mente a paz e a tranquilidade. Pequeno e íntimo, era o seu refúgio, ainda que um refúgio solitário.

Com um gesto abrupto da mão, silenciou a água, ficando o ar cheio apenas de um sussurro sereno e quase inaudível. Queria ouvir bem e não lhe apetecia gritar para ser ouvido.

Despindo as vestes que refletiam as suas respetivas posições sociais — as dele negras, por causa do seu estatuto hierárquico mais elevado, as dela multicoloridas, por causa da sua frivolidade —, mergulharam ambos no curso de água. Recostando-se contra um pequeno promontório rochoso, Aidan fechou os olhos e puxou a sua companheira para junto de si.

— Hoje está tudo muito silencioso — murmurou.

— É por causa do Dillon. — Morgan aninhou-se a seu lado, e os seus seios pequenos faziam uma pressão deliciosa contra a pele dele. — Ele afirma ter encontrado a Chave.

A novidade não teve qualquer efeito em Aidan. Ao longo dos séculos, muitos Guardiões tinham sucumbido ao desejo de fazer viver a lenda. Não era nada de novo, ainda que os Anciãos levassem muito a sério todas as descobertas erróneas.

— Que sinal lhe escapou? — perguntou ele, sabendo que a ele jamais lhe escaparia um que fosse. De vez em quando, os Sonhadores exibiam alguns sinais, mas nunca todos eles. Se isso acontecesse, ele matá-los-ia sem hesitação.

— Tal como o Dillon tinha suspeitado, a Sonhadora dele não

conseguiu ver as suas feições. Parece que a fantasia da Sonhadora quanto ao aspeto do Dillon era muito semelhante à realidade.

— Ah! — O erro mais comum, e um que era cometido cada vez com mais frequência. Os Sonhadores não tinham a capacidade de ver no Crepúsculo, daí que não conseguissem ver as feições reais dos Guardiões que estavam com eles. Apenas a mítica Chave permitiria vê-los como eles realmente eram. — Mas os outros traços estavam lá? Foi chamado pelo nome?

— Sim.

— A Sonhadora controlou o sonho?

— Sim.

— Os Pesadelos pareciam confusos ou desorientados?

— Sim... — Virando a cabeça, ela lambeu o mamilo dele, e a seguir nadou em volta até rodear as suas ancas com as coxas dela bem abertas.

Ele agarrou-a pela cintura e puxou-a contra ele. Estava distraído, e as suas ações eram mais movidas pelo hábito do que pela paixão. O afeto profundo por alguém era um luxo a que os Guerreiros de Elite não podiam dar-se. Era uma fraqueza que os tornava vulneráveis.

— O que tem isso a ver contigo e comigo?

Morgan passou os dedos húmidos pelo cabelo dele.

— Os Anciãos ficaram muito animados com esta notícia. O facto de tantos mortais começarem a demonstrar uma tal proliferação de sinais fá-los acreditar que chegou o momento.

— E daí?

— Decidiram enviar Guerreiros de Elite, como tu, para penetrarem nos sonhos daqueles que nos resistem. A minha tarefa é trabalhar com os Cuidadores para os curar assim que vocês entrem.

Suspirando de descontentamento, Aidan pousou suavemente a cabeça na pedra. Alguns Sonhadores fechavam-se de tal forma que nem os Guardiões conseguiam entrar. Isso podia dever-se ao facto de bloquearem memórias por terem sido abusados ou violentados de alguma forma, ou por sentirem um alto nível de culpa por ações passadas. Proteger esse tipo de Sonhadores dos Pesadelos era a tarefa mais difícil de todas. Sem uma compreensão total do seu sofrimento interior, a capacidade de ajuda por parte dos Guardiões estava severamente limitada.

E os horrores que tinha visto nas suas mentes...

À medida que as memórias vinham à tona com intensidade — guerras, doenças, torturas inimagináveis —, um arrepio percorreu-lhe a pele, apesar da água morna. Imagens que o perseguiram há séculos.

Luta, ação... Isso ele era capaz de aguentar. O sexo, o abençoado abandono do orgasmo... Procurava-o quase desesperadamente. Homem tátil com desejos insaciáveis, ele fodia e lutava bem, e os Anciãos nunca hesitavam em recorrer a ele. Conhecia as suas próprias forças e fraquezas, e escolhia as Sonhadoras que poderiam beneficiar delas.

Mandá-lo trabalhar exclusivamente com aqueles que estavam já mutilados, para além de qualquer chance de recuperação... O que os Anciãos lhe pediriam agora seria um autêntico inferno, um inferno para ele e para todos os homens sob o seu comando.

— Deves estar animado com esta notícia — murmurou Morgan, interpretando mal a respiração subitamente acelerada dele. — A Elite adora um bom conflito.

Ele respirou fundo. Se o peso da sua missão parecia ir esmagá-lo, só ele poderia saber. Outrora tivera um entusiasmo sem limites pelo seu trabalho, mas a falta de progressão conseguia desanimar até os mais esperançosos.

Entre as lendas e histórias antigas, nada havia sobre se o seu trabalho algum dia teria um fim. Os Pesadelos não podiam ser eliminados, apenas controlados. A qualquer momento, milhares de mortais podiam ser açoitados de pesadelos de cujas garras implacáveis não conseguiam escapar. Aidan estava ciente desse beco sem saída. Era o tipo de homem que procurava um resultado definido, e durante séculos essa resolução tinha-lhe sido negada.

Morgan, sentindo a preocupação dele, atraiu a sua atenção de novo para ela com uma mão no meio das suas pernas, e dedos talentosos tateando o seu pénis. A boca de Aidan curvou-se no sorriso que prometia a Morgan a concessão de todos os desejos. Dar-lhe-ia tudo o que ela quisesse. E depois ainda algo mais.

Ao concentrar-se nela, podia esquecer os seus problemas. Por um momento.

— Como queres que comecemos, amor? Com força e depressa? Ou lenta e suavemente?

Emitindo um suspiro discreto de antecipação, Morgan roçou os seus mamilos endurecidos no peito dele.

— Sabes do que preciso — sussurrou.

O sexo era o mais próximo que ele conseguia estar da união com uma mulher, mas apenas a sua fome física era saciada, deixando-o com outra fome ainda maior. Apesar das Sonhadoras com quem estivera, e das inúmeras Guardiãs com quem trabalhara, estava só.

E estaria só toda a eternidade.

— Bem me parecia que podia encontrar-te aqui — disse uma voz profunda atrás de Aidan.

Continuando os seus exercícios, virou-se e encarou o seu amigo. Estavam na clareira por trás da casa de Aidan, com erva bravia pelos joelhos, banhados pelo brilho magenta do crepúsculo simulado. Fios de suor deslizavam pelas têmporas de Aidan enquanto manejava o gládio, mas apesar da hora tardia ele não denotava cansaço.

— Tinhas razão.

— Já quase toda a gente sabe da tua nova missão.

Connor Bruce parou a alguns passos de distância, e os seus braços cruzados revelavam bíceps maciços e antebraços musculados. O gigante loiro não tinha a velocidade ou a agilidade de Aidan, mas compensava essa falta com força bruta.

— Eu sei.

Aidan desferiu um golpe contra um oponente imaginário, e a espada abriu caminho numa estocada mortal.

Ele e Connor eram amigos há séculos, desde que tinham sido colegas de dormitório na Academia da Elite. Nos seus muitos dias de aulas e noites com mulheres, tinha-se criado entre eles uma ligação que resistira ao passar dos anos.

O curso na Academia era rigoroso, com uma muito elevada taxa de desgaste. Quando as coisas ficavam difíceis, Aidan e Connor incitavam-se mutuamente a continuarem. Dos vinte alunos que começaram o curso, eles tinham ficado entre os três que chegaram ao fim.

Os que não acabaram o curso dedicaram-se a outras tarefas,

tornando-se Cuidadores ou Jogadares. Alguns escolheram ser Mestres e ensinar. Era um destino com valor. O mentor de Aidan, o Mestre Sheron, tinha sido uma figura determinante na sua vida, e ele lembrava-se do Guardião com admiração e afeto, mesmo depois de tantos anos.

— Dá para ver que não estás satisfeito com a decisão dos Anciãos — disse Connor de forma seca. — Mas também não tens andado satisfeito com nada do que eles têm andado a fazer ultimamente.

Aidan fez uma pausa, deixando o braço que empunhava a espada pender a seu lado.

— Talvez seja porque não sei que raio andam eles a fazer.

— Tens aquela expressão no rosto — mumurou Connor.

— Qual expressão?

— Aquela expressão que diz “tenho uma centena de perguntas a fazer”.

O Mestre Sheron tinha sido o primeiro a dar aquele nome à expressão particular de Aidan ao pensar. Tinha sido uma de muitas coisas que absorvera no treino com o Ancião e que tinham ficado com ele.

Aidan tinha saudades das horas passadas com o seu mentor na mesa de pedra por baixo da árvore no pátio da Academia. Fazia-lhe uma série de perguntas, e Sheron iluminava-o com a sua admirável paciência. Pouco depois de acabado o curso, Sheron fora induzido a tornar-se num Ancião de pleno direito, e Aidan nunca mais o vira.

Erguendo a mão, ele tocou no pendente de pedra que Sheron lhe oferecera no dia da graduação. Usava-o desde então como uma recordação tangível daqueles dias e do jovem ambicioso que tinha sido.

— Nunca pensas no que leva alguém a tornar-se num Ancião? — perguntou a Connor.

Sim, a possibilidade de encontrar respostas era tentadora, mas a Indução mudava os Guardiões de uma maneira que Aidan considerava alarmante. Sheron tinha tido um aspeto jovial, com olhos e cabelo negros e pele bronzeada. Agora parecia um dos outros Anciãos: com cabelo branco e uma pele e um olhar pálidos. Para uma raça quase imortal, uma mudança tão radical devia significar algo. E Aidan não tinha a certeza se era algo bom.

— Não, nunca penso nisso. — O maxilar de Connor parecia desafiador. — Digam-me onde é a luta. É só isso que preciso de saber.

— Não queres saber qual o *motivo* da luta?

— Merda, Cross! É o mesmo de sempre: conter os Pesadelos enquanto procuramos pela Chave. Sabes bem que somos a única barreira entre eles e os humanos. Desde que cometemos o erro de deixar os Pesadelos entrar, temos de manter a luta até encontrarmos uma forma de os fazer sair.

Aidan respirou fundo. Ao contrário de parasitas mais inteligentes, que sabiam de onde provinha o seu sustento, os Pesadelos esgotavam os seus hóspedes até à morte. Sem a proteção concedida aos Sonhadores, toda a humanidade — em todo o seu plano de existência — se extinguiria.

Podia antevê-lo. Pesadelos intermináveis assolariam os homens. Com receio de dormir, ficariam incapacitados de trabalhar ou comer. Uma espécie inteira dizimada pelo horror e a fadiga. Seguir-se-ia a loucura.

— Muito bem. — Aidan começou a dirigir-se em direção a casa, e Connor seguiu-o. — E se, por hipótese, não existisse uma Chave?

— Se não existisse uma Chave? Bem, isso seria péssimo, porque há dias em que é a única coisa que me faz continuar, saber que há uma luz ao fundo do túnel. — Connor lançou-lhe um olhar desconfiado de esguelha. — Mas aonde queres chegar?

— O que estou a dizer é que é possível que a lenda da Chave não passe de uma patranha. Talvez ela nos seja ensinada precisamente pela razão que mencionaste: para nos dar esperança e motivação quando a nossa tarefa parece não ter fim. — Aidan abriu a porta de correr que dava para a sala e pegou na bainha do gládio que estava encostada contra a parede. — Se isso for verdade, estamos a prejudicar os Sonhadores com esta nova missão. Em vez de os protegermos contra os Pesadelos, metade da Elite vai perder tempo à procura de um milagre que pode não existir.

— Bem, era capaz de te dizer que o que precisas é de sexo — murmurou Connor, passando por ele e dirigindo-se à cozinha — mas estiveste com a Morgan esta manhã, por isso não deve ser esse o problema.

— Deixar os Sonhadores com uma proteção deficiente não é algo que me possa deixar indiferente, e o facto de os Anciãos manterem tanto segredo sobre esta missão irrita-me. Tenho alguma dificuldade em acreditar em algo que não consigo ver.

— Mas tu não escolheste a carreira de caçar Pesadelos? — Connor resfolegou e contornou uma esquina, desaparecendo da vista de Aidan. Pouco depois regressou com duas cervejas. — O nosso sucesso baseia-se totalmente em algo que não conseguimos ver.

— Eu sei disso, obrigado. — Aidan aceitou a bebida que lhe era oferecida e bebeu em grandes tragos enquanto atravessava a sala em direção a uma cadeira de madeira. — Não são os nossos gládios que matam os Pesadelos, mas o medo que lhes inspira o poder da nossa determinação. É algo que temos em comum com aqueles sacanas: matar pelo terror.

Essa tinha sido precisamente a causa do conflito entre ele e os seus pais, um Guardião Curador e uma Cuidadora. Não conseguiam perceber a sua escolha de carreira, e as constantes perguntas com que o atazanavam acabaram por o afastar deles. Não parecia ser capaz de explicar porque queria lutar *contra* os Pesadelos em vez de tratar os efeitos do seu ataque. Uma vez que eles eram a sua única família biológica, ficou apenas com uma ligação emocional: Connor. Um homem de quem gostava e que respeitava como um irmão.

— Então como explicas o facto de termos acabado a viver neste conduto, se a Chave não existe? — perguntou Connor, sentando-se na cadeira de madeira em frente da sua.

Segundo a lenda, os Pesadelos descobriram uma Chave que lhes permitiu entrar no seu velho mundo — um mundo de que Aidan era demasiado novo para se lembrar — e foi aí que se espalharam por todo o lado e mataram tudo o que puderam. Os Anciãos mal tiveram tempo de criar a fissura no tempo abreviado que lhes permitiu escapar para esse plano condutor entre a dimensão humana e aquela que os Guardiões tinham sido forçados a abandonar. Aidan levou algum tempo a compreender totalmente o conceito de múltiplos planos de existência e do continuum espaço-temporal, aquele o produto da metafísica e este da física. Mas a ideia de que um único ser — a Chave — fosse capaz de abrir essas fissuras sem-

pre que quisesse, passando os conteúdos de um plano de existência para outro, era algo que ainda não conseguia conceber.

Confiava no que podia ser provado, como a mudança psicológica que esse conduto tinha trazido aos da sua espécie, tornando-os quase imortais e efémeros como os Pesadelos. Outrora, os Guardiões tinham estado indefesos, mas ali estavam em pé de igualdade com os seus inimigos.

— Os Anciãos fizeram-nos atravessar esta fissura sem uma Chave — disse Aidan. — Tenho a certeza que os Pesadelos poderiam fazer o mesmo.

— Então decidiste rejeitar uma resposta aceite por toda a gente e substituí-la por uma conjetura. — Connor esmagou a embalagem vazia de cerveja. — Vinho, mulheres e dar porrada, Cross. É a vida de um Guerreiro de Elite. Desfruta-a. Que mais queres?

— Respostas. Estou farto destes malditos enigmas dos Anciãos. Quero saber a verdade. Toda a verdade.

Connor arfou.

— Nunca desistes. Essa tua persistência faz de ti um excelente guerreiro, mas também um chato. Três palavras apenas: necessidade de saber. Em quantas missões foste a única pessoa a saber o que se passava?

— Não é a mesma coisa — retorquiu Aidan. — Aí tens um adiamento temporário da informação. Neste caso trata-se de uma omissão permanente.

— Costumavas ser a pessoa mais idealista que eu conhecia. Que aconteceu ao aluno que jurava vir a ser um Guardião, encontrar a Chave e matá-la?

— Isso era conversa de adolescente. Esse miúdo cresceu e fartou-se.

— Eu gostei de ser adolescente. Podia foder toda a noite e despedaçar Pesadelos no dia seguinte. Agora, ou é uma coisa ou a outra.

Aidan percebeu que o seu amigo estava a procurar aligeirar uma conversa que se estava a tornar volátil, mas era-lhe impossível conter por mais tempo a sua inquietação, e Connor era a única pessoa com quem ele podia falar desses assuntos.

Connor conhecia-o suficientemente bem para conseguir detetar a sua determinação.

— Ouve, Cross. — Apoiou os antebraços nas coxas e olhou para Aidan com olhos semicerrados e o maxilar tenso. — Estou a dizer-te, como amigo e não como o teu tenente, que tens de esquecer as tuas dúvidas e tens de reunir as tuas tropas.

— Estamos a desperdiçar recursos valiosos.

— Caramba, estou *excitado* por haver esta mudança! O que estávamos a fazer não estava a resultar, por isso vamos experimentar algo novo. É o progresso. Tu é que estás estagnado. Supera essa fase e alinha com a mudança.

Abanando a cabeça, Aidan levantou-se.

— Pensa no que te estou a dizer.

— Já pensei. É uma estupidez. Ponto final.

— A que é que cheira?

— Hã?

— Tens a cabeça tão enfiada pelo cu acima que deve ser um pivete.

— Essas são palavras duras.

Connor levantou-se também.

— Como podes rejeitar uma ideia sem sequer pensar um pouco nela antes?

Olharam-se mutuamente durante longos segundos, cada um ardendo no calor do seu agravo.

— Mas que raio se passa? — rosnou Connor. — Que é isto?

— Quero que alguém, que *tu* possas considerar a hipótese de que os Anciãos estejam a esconder algo.

— Tudo bem. Mas eu quero que *tu* consideres a possibilidade de que não estejam.

— Muito bem. — Aidan passou a mão pelos cabelos empapados de suor e exalou o ar que mantivera suspenso. — Vou limpar-me.

Connor cruzou os braços.

— Em que ficamos?

— Não sei. Tu decides.

— Sempre que sou eu a planificar as coisas, sai tudo mal. É por isso que és capitão.

— Não. Sou capitão porque sou melhor do que tu.

Connor lançou para trás a sua cabeleira dourada e soltou uma gargalhada sonora, de timbre profundo, um som que rasgou a tensão entre eles como uma súbita brisa por entre o nevoeiro.

— Ainda tens restos dessa tua famosa fanfarronice.

A caminho do duche, Aidan desejou secretamente ter mais do que apenas fanfarronice.

Iria precisar de tudo o que tinha para sobreviver às duras missões que o aguardavam. Missões que os seus instintos rejeitavam por completo.

Capítulo 1

Lyssa Bates olhou para o relógio em forma de gato pendurado na parede, com a cauda e os bigodes a servirem de ponteiros. Eram, por fim, cinco horas da tarde. Quase na hora de começar o fim de semana, e ela mal podia esperar.

Exausta, correu as mãos pelo longo cabelo e bocejou. Parecia nunca conseguir recarregar as energias, por mais que descansasse. Passava os dias em que não trabalhava num misto confuso de lençóis mal-amanhados e litros de café. A sua vida social ficara reduzida quase a zero à medida que o tempo que passava na cama ia aumentando. Nenhum dos remédios que lhe tinham receitado contra a insónia dera resultados. Não é que não conseguisse dormir. O que se passava é que não conseguia *parar* de dormir.

Não estava, no entanto, a conseguir descansar o suficiente.

Pôs-se em pé, ergueu os braços acima da cabeça e esticou-se. Todos os tendões do seu corpo protestaram. Chamas de velas aromáticas tremeluziam no topo dos armários metálicos, cobrindo os odores medicinais da sua clínica com o aroma de bolos e guloseimas. Mas aquele cheiro delicioso não conseguia provocar-lhe fome, que era ao que se destinava. Estava a perder peso e a ficar cada vez mais fraca. O seu médico estava preparado para a enviar para uma clínica do sono, onde lhe fizessem análises aos padrões de REM, e

ela estava quase a aceitar. Ele tinha-lhe dito que a falta de recordações dos sonhos de que sempre padecera era a manifestação mental de uma maleita física, uma maleita que ele ainda não conseguira diagnosticar. Lyssa limitava-se apenas a sentir-se grata que ele não lhe tivesse receitado um colete de forças.

— Foi o último paciente. Já pode ir para casa quando quiser.

Virando-se, Lyssa forçou um sorriso na direção de Stacey, a sua rececionista que estava ali em pé junto ao vão da porta da sua sala de consulta.

— Está com muito mau ar, doutora. Algum vírus?

— Eu sei lá... — murmurou Lyssa. — Ando assim há quase um mês.

A verdade é que tinha sido sempre atreita a doenças, e fora essa uma das razões que a tinham levado para uma carreira na medicina. Agora, passava todo o tempo possível, e o que os seus níveis de energia permitiam, na sua clínica de decoração alegre, com os soalhos em mármore de cor creme e suaves detalhes vitorianos. Por trás de Stacey, o estreito corredor de paredes revestidas a madeira dava para a sala de espera, decorada com motivos de pássaros amorosos em gaiolas de ar antigo. Era confortável e aconchegante, um local onde Lyssa gostava de passar o seu tempo. Quando não se sentia tão cansada.

Stacey apoiou-se no batente da porta e franziu o nariz. Vestida com uma bata decorada com imagens de animais de desenhos animados, tinha um ar fofo e esfuziante, o que correspondia de facto à sua personalidade.

— Meu Deus, como detesto estar doente! Espero que melhore rapidamente. O seu primeiro paciente na segunda é um labrador que apenas precisa de um reforço da vacina. Posso passá-lo para outro dia, se quiser. Diga-me na próxima hora se quer cá vir ou não.

— Adoro-te — disse Lyssa com um sorriso de gratidão.

— Não, o que a doutora precisa é de quem cuide de si. Como um namorado. Ui, a forma como os tipos solteiros olham para si quando cá vêm! — Stacey assobiou. — Dou por mim a pensar que só arranjam um cão para virem aqui vê-la.

— Não tinhas dito há pouco que estava com mau ar...?

— Coisa de mulheres. Aposto que teria melhor aspeto no seu leito de morte do que a maior parte das mulheres no melhor dia da

vida delas. Estes tipos não se lembram de cá vir com os bichinhos por causa dos postais que lhes envio a avisar das datas. Pode crer.

Lyssa revirou os olhos.

— Acabo de te dar um aumento. Que vais pedir agora?

— Que a doutora vá para casa. Eu fecho isto com o Mike.

— Não te vou contrariar. — Sentia-se morta de cansaço, e apesar de a clínica estar ainda repleta da doce cacofonia dos latidos de cães, do zumbido dos instrumentos do Mike e do chilrear de pássaros, tudo se encaminhava para o fecho de mais um dia de trabalho. — Deixa-me só guardar estas fichas e...

— Nem pensar. Se vou deixá-la começar a fazer o meu trabalho, depois vou ficar aqui a fazer o quê? — Stacey caminhou na direção da mesa de Lyssa, arrebanhou as pastas do tampo de mogno e voltou na direção do corredor. — Até segunda, doutora.

Sacudindo a cabeça com um sorriso, Lyssa pegou na mala e nas chaves antes de sair pela porta das traseiras da clínica, em direção ao parque de estacionamento. O seu *BMW Roadster* preto esperava-a no parque quase vazio. Estava um belo dia, soalheiro e quente, e, antes de arrancar para casa, baixou o teto do carro. Durante os vinte minutos da viagem, foi bebericando do copo com restos de café e aumentou o som da rádio, tentando manter-se acordada e não se matar ou a alguém na autoestrada.

O seu carro deslizava com facilidade por entre o pouco tráfego da pequena cidade do Sul da Califórnia. Tinha-o comprado de impulso, quando finalmente se apercebera de que estava destinada a morrer jovem, e nunca se arrependera de o ter feito.

Nos quatro anos anteriores tinha feito muitas mudanças igualmente drásticas, como mudar-se para o vale de Temecula e deixar para trás uma clínica veterinária de enorme sucesso em San Diego. Tinha pensado que a sua fadiga crónica se devia ao stress diário no trabalho e a um custo de vida exorbitante, e, de facto, durante os primeiros anos após a mudança, sentira-se muito melhor. Ultimamente, contudo, a sua saúde parecia estar pior do que nunca.

Uma avalanche de análises tinha ajudado a pôr de parte uma variedade de possíveis doenças, tal como o lúpus e a esclerose múltipla. Diagnósticos errados de fibromialgia ou apneia do sono tinham-na obrigado a tomar medicamentos inúteis e a usar más-

caras dolorosas que impediam o sono, por mais leve que fosse. O mais recente diagnóstico de narcolepsia deprimira-a, pois sugeria que não havia cura para aquele estado de fadiga que estava a dar cabo da sua vida. A capacidade de trabalhar longas horas, de que sempre usufruía, tinha sido grandemente diminuída e ela estava a perder a cabeça com aquilo.

Os portões em ferro forjado que davam acesso ao condomínio fechado onde vivia abriram-se de par em par e ela entrou, passando ao lado da zona da piscina comum, que nunca frequentara. Depois de uma curva, acionou o controlo remoto da porta da sua garagem.

Parou bruscamente e com uma precisão perfeita voltou a acionar o controlo e estava já junto à bancada de granito da sua cozinha antes ainda de a porta da garagem se ter fechado por completo. Atirando a mala para cima da mesa da cozinha, Lyssa despiu a camisa de seda cor de pérola e as calças azuis e enterrou-se no sofá.

Antes que a sua cabeça tocasse a almofada, estava já a dormir.

Aidan olhou para o portal que o separava da sua última missão e franziu o sobrolho. Só uma psique seriamente retorcida construiria uma barreira assim. Metálica e larga, erguia-se solitária num mar de negrume. Erguendo-se tão alto que ele não conseguia ver-lhe os limites, era o mais forte impedimento que jamais encontrara. Não admirava que os outros seis Guardiões tivessem falhado.

Praguejou e passou as mãos pelo cabelo, que agora mostrava algumas cãs na zona das têmporas. Os Guardiões não envelheciam. Eram imortais. A não ser que um Pesadelo lhes sugasse a vida. Mas o que de pior vira ao longo dos anos não tinha sido suficiente para o marcar de forma visível. Cansado e algo desmotivado, agarrou o cabo da sua espada e bateu com ele com força na porta. Ia ser uma noite longa.

— Quem é? — soou uma voz cadenciada do outro lado.

Aidan estacou, e o seu interesse aguçou-se.

— Sim? — voltou ela a chamar.

Com o seu cérebro em desaceleração pela surpresa daquela conversa, soltou a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

— Quem é que queres que seja?

— Oh, vai-te embora! — resmungou ela. — Estou farta de malucos.

Aidan semicerrou os olhos e pestanejou.

— Como assim?

— Não admira que nunca consiga dormir, convosco sempre a bater à porta com os vossos enigmas. Se não me dizes quem és, podes ir-te embora.

— Que nome preferes?

— O teu, idiota!

O seu sobrolho arqueou ainda mais, ao sentir por momentos que era ele quem estava mentalmente perturbado.

— Adeusinho, seja quem for. Foi bom falar contigo.

A voz dela tornou-se mais longínqua, e soube que estava a perdê-la.

— Aidan.

— Ah... — Houve uma pausa promissora. — Gosto desse nome.

— Ainda bem... Acho eu. — Continuou a franzir a testa, sem saber o que fazer a seguir. — Posso entrar?

A porta abriu-se com uma lentidão tortuosa, as dobradiças a soltarem um longo gemido e coágulos de ferrugem a desfazerem-se em poeira. Ficou a olhar para aquilo por momentos, espantado com a facilidade com que conseguira entrar, depois de ter sido avisado do difícil, do quase impossível que seria essa missão. Depois ficou espantado pelo interior. Estava tão escuro dentro como fora. Nunca vira nada assim.

— Porque não acendes as luzes? — perguntou-lhe, enquanto entrava com passos cautelosos no “sonho” dela.

— Sabes, há anos que tento fazer isso — respondeu ela secamente.

A voz dela flutuava através da escuridão como uma morna brisa primaveril. Sondou-lhe as memórias e não encontrou nada de invulgar. Lyssa Bates era uma mulher normal que vivia uma vida normal. Não havia nada no seu passado ou no seu presente que pudesse explicar aquele vazio.

Atrás dele a porta mantinha-se aberta. Podia ainda recuar. Pedir a intervenção de um Cuidador. E agradecer a mais fácil missão que tivera em muitos, muitos anos. Em vez disso, permaneceu

ali, intrigado e, pela primeira vez em muitos séculos, genuinamente interessado numa Sonhadora.

— Bem... — Esfregou o queixo com a mão. — Tenta pensar num local aonde quisesses ir e leva-nos até lá.

— Fecha a porta, se fazes favor.

Aidan ouviu-a a caminhar para longe dele e pensou se seria ajuizado fechar-se ali dentro com ela.

— Não podemos deixá-la aberta?

— Não. Se não a fechares, elas entram.

— Quem é que entra?

— As Sombras.

Aidan ficou em silêncio, ruminando o facto de que ela reconhecia os Pesadelos como entidades separadas.

— Posso matá-las — disse ele por fim.

— Odeio violência, se queres que te diga.

— Eu sei isso. Foi uma das razões pelas quais te tornaste veterinária.

Ela resfolegou.

— Agora me lembro porque vos expulsei daqui. Vocês são uns bisbilhoteiros.

— Deixaste-me entrar bem depressa — disse ele, virando-se para fechar a porta.

— Gosto da tua voz. Tens um sotaque irlandês... De onde és?

— De onde queres que eu seja?

— Não interessa. — Os seus passos afastaram-se ainda mais. — Faz o favor de saíres. Não falo mais contigo.

Aidan riu suavemente, e admirou a força de carácter dela. Não se sentia intimidada, apesar de estar ali sozinha no meio da escuridão.

— Sabes qual é o teu problema, Lyssa Bates?

— Ter-te a ti e aos teus amigos a chatearem-me continuamente?

— Não sabes sonhar. A tua mente oferece-te possibilidades infinitas, lugares aonde ir, coisas que fazer, pessoas com quem estar, e tu não aproveitas nenhuma.

— Achas que *gosto* de estar aqui parada na escuridão? Adorava estar numa praia das Caraíbas agora mesmo, a rebolar na areia com um tipo atraente.

A porta fechou-se com um estrondo tremendo, e ele suspirou. Não fazia a mais pequena ideia do que fazer agora. Cuidar, curar, tudo isso... Não era aquilo em que ele era bom.

— E como seria esse “tipo atraente”? — perguntou-lhe. Sexo era com ele. E, para ser sincero, pela primeira vez em muito tempo, estava até ansioso por sexo. Havia algo naquela maneira irreverente de ela falar...

— Oh, sei lá... — disse ela, e a sua voz pareceu vir apenas de uma zona. — Alto, moreno e bonito. Não é o que todas as mulheres querem?

— Nem sempre.

Avançou na direção de Lyssa, pesquisando nas memórias dela em busca de exemplos do que ela considerava atraente.

— Parece que sabes algo do assunto.

Encolheu os ombros, e só depois se lembrou de que ela não o conseguia ver.

— Tenho tido algumas experiências. Continua a falar para que eu possa encontrar-te.

— Porque não podemos falar assim?

— Porque preferia não ter de subir o tom da minha voz — disse ele e encaminhou-se para a esquerda.

— É uma voz muito sedutora.

Abriu os olhos de espanto.

— Obrigado.

Sedutor não era uma palavra que tivesse alguma vez ouvido a propósito da sua voz. O elogio provocou-lhe um espasmo no pénis. Tinha-o tão calejado que nunca fazia aquilo sem manipulação física, ou, no mínimo, um estímulo visual.

— Também gosto da tua voz. Imagino-te como uma mulher muito bonita.

Vasculhando a mente dela, viu que ela era, de facto, muito atraente, mas estava cansada, com olheiras e olhos avermelhados, e um corpo enfraquecido.

— Muito bem, vamos tentar manter as luzes apagadas então.

A voz dela denotou tristeza. Normalmente, ele recuava mal sentia esse tipo de emoções. Luxúria e raiva eram o seu limite emocional. O destino de alguém nunca o interessara por aí além. Nem o seu.

— Podemos ajudar-te — disse suavemente.

— Quem, exatamente? Aquele que veio ontem à noite e se pôs a imitar a voz do ex-namorado que me trocou por outra?

Aidan teve um sobressalto.

— Má escolha, mas, com a porta pelo meio, tenho de lhe dar crédito por ter conseguido captar alguma coisa de ti.

Ela riu-se, e aquele som roufenho foi muito diferente do que ele estava à espera de ouvir. Foi vibrante, cheio de vida, uma amostra da mulher que ela tinha sido antes do que quer que se tenha passado para a deixar como estava.

— Na outra noite, imitaram a voz da minha mãe.

Agachou-se junto dela.

— Para te reconfortar. Foi bem pensado, tendo em conta o importante que ela é para ti.

— Não quero ser reconfortada, Aidan — disse ela, bocejando.

As narinas dele foram invadidas por uma fragrância floral poderosa, e, desejando sentir mais um pouco desse odor, sentou-se de pernas cruzadas.

— O que é que queres, Lyssa?

— Dormir — respondeu ela com uma voz doce mas cansada.

— Só quero conseguir dormir e descansar. A minha mãe fala demasiado, não consigo fazê-lo com ela. E os teus amigos continuam a bater-me à porta. Só te deixei entrar para ver se vos calava de uma vez.

— Vem cá — murmurou ele, esticando o braço na escuridão e encontrando o corpo morno e macio dela.

Enquanto ela se aninhava junto ao seu peito, ele criou um muro atrás de si e permaneceu ali, esticando as suas longas pernas e apertando-a contra ele.

— Isto sabe bem — disse ela, e o seu bafo quente soprou por entre a abertura da túnica dele e no seu peito. Era magra mas tinha seios volumosos, uma descoberta que lhe agradou e o surpreendeu.

— Também foi a tua voz.

— Como?

— A razão por que te deixei entrar.

— Ah!

Acariciou-a ao longo das costas, acalmando-a e sussurrando-lhe pequenos nada sem qualquer sentido para ele mas que soavam bem.

— Tens um corpo tão rijo que chega quase a ser desconfortável — resmungou ela, envolvendo-o pela cintura. — Mas que raio fazes tu?

Ele enfiou o nariz no cabelo dela e sentiu o seu cheiro. Era algo fresco e doce. Inocente. Enquanto esta mulher tinha passado a sua vida a curar pequenas criaturas, ele tinha passado uma eternidade a lutar e a matar.

— Mantenho os maus à distância.

— Parece ser um trabalho complicado.

Ele não disse nada. A necessidade de encontrar um alívio com ela era quase insuportável, mas, ao contrário do que ele sentira com outras mulheres, não desejou perder-se no corpo dela. Quis apenas abraçá-la, e sentir o conforto do seu toque. Curar era o que ela fazia na vida, e, nem que por um breve instante apenas, ele desejou ser curado.

Com impiedade, esmagou o desejo.

— Tenho tanto sono, Aidan.

— Descansa, então — murmurou. — Não deixarei que sejas incomodada.

— És um anjo?

A sua boca curvou-se num sorriso e ele abraçou-a com mais força.

— Não, querida. Não sou um anjo.

A resposta dela foi um ronco suave.

Acordou com a sensação de ter a perna a ser amassada. Esticou-se e, com surpresa, deu por ela deitada no sofá, e ainda mais surpreendida por se sentir maravilhosamente. O sol da tarde iluminava a sala através do vidro da porta de correr, e o *Jelly Bean*, o seu gato, estava a protestar como sempre fazia quando ela dormia demasiado e não lhe prestava atenção.

Sentando-se, esfregou os olhos e riu-se quando ouviu o ronco que vinha do seu estômago. Estava esfomeada, realmente esfomeada, algo que já não sentia há muitas semanas.

— Se calhar devia ter experimentado dormir no sofá mais cedo — disse ao JB, acariciando-o atrás das orelhas e levantando-se.

O toque do telefone fê-la dar um salto. Correu em direção à mesa da cozinha para atender a chamada.

— Aqui a doutora Bates — disse quase sem fôlego.
— Boa-tarde, doutora — disse do outro lado a sua mãe, a rir.
— Outra vez a dormir o dia inteiro?
— Acho que sim. — Lyssa olhou para o relógio. Era quase uma hora. — Mas desta vez resultou. Há muitos meses que não me sentia tão bem.
— Então e que dizes a um almoço comigo?
O estômago dela roncou em sinal de aprovação.
— Sem dúvida. Em quanto tempo estás aqui?
— Estou mesmo ao virar da esquina.
— Perfeito. — Esticando o braço, deitou um pouco de comida de peixe no aquário de água doce. Um peixe-palhaço mais expedito veio à tona, o que a fez rir. — Entra à vontade. Vou fazer umas limpezas.

Depois de atirar o telefone sem fios para o sofá, Lyssa correu pelas escadas acima, tomou um duche e vestiu rapidamente um fato de treino em veludo cor de chocolate. Passou um pente pelo cabelo molhado e ajeitou-o com uma mola. Não deixou de notar que, apesar de se sentir muito bem, ainda tinha um aspeto cansado.

A sua mãe, pelo contrário, estava fabulosa com umas calças de seda vermelhas bem justas e um casaco a condizer. Com o cabelo loiro e os lábios pintados com batom vermelho, Cathryn Bates não deixara que dois divórcios amortecessem o seu desejo de ter um aspeto atraente e de atrair homens.

Enquanto a sua mãe falava disto e daquilo, Lyssa empurrou-a porta fora e no sentido do carro.

— Vá, mãe, vamos embora. Falamos no carro. Estou cheia de fome.

— Já tinhas dito isso na última vez, e acabaste a comer como um pisco.

Lyssa ignorou-a e olhou por cima do ombro enquanto fazia marcha-atrás para sair da garagem.

— Aonde vamos?

— Ao Soup Plantation? — A mãe olhou-a de cima a baixo. — Não, tu precisas é de carne nesses ossos. Que tal ao Vincent's?

— Massa. Nham!

Lambendo os lábios, virou o volante e saiu a toda a velocidade do complexo de apartamentos. Com a capota aberta e o descan-

so de uma boa noite de sono, Lyssa sentia-se capaz de enfrentar o mundo. Era bom ter energia e sentir-se feliz. Já quase nem se lembrava do bom que isso era.

O restaurante italiano estava cheio, como de costume, mas não tiveram problemas em arranjar um lugar. Toalhas de mesa aos quadrados vermelhos e brancos e cadeiras de madeira davam ao local um ar campestre, e havia velas acesas em todas as mesas. Lyssa, mal se sentou, atirou-se com apetite ao pão de alecrim acabado de sair do forno.

— Ena, vejam só! — disse-lhe a sua mãe com um ar de aprovação, enquanto erguia no ar o copo vazio para pedir vinho ao empregado. — Gostava de saber se a tua irmã também anda a comer bem. O obstetra dela diz que vai ser mais um rapaz. Ela anda à procura de nomes.

— Eu sei, ela disse-me. — Demolhando outro naco de pão em azeite, Lyssa encolheu os ombros e pegou no menu. Uma melodia alegre do folclore italiano ouvia-se com dificuldade acima do burburinho da sala, mas esse ambiente barulhento era mesmo aquilo de que ela estava a precisar para se sentir de novo parte da civilização. — Disse-lhe que o melhor que eu conseguia fazer era escolher nomes para animais de estimação. Não ficou muito impressionada.

— Sugeriu-lhe que abrisse o livro sobre bebés que lhe ofereci. Que começasse pelo A e fosse por ali adiante. Adam, Alden...

— Aidan! — quase gritou Lyssa, enquanto mastigava. Sentiu uma ternura dentro de si que a fez sorrir. — Não sei porquê, mas adoro esse nome.

Estava uma bela noite no Crepúsculo. O céu era um manto negro pejado de estrelas, e o ruído longínquo das muitas cascatas e quedas de água competia com os risos e os sons de instrumentos musicais. Os Guardiões que tinham trabalhado na longa noite anterior estavam agora a relaxar. Mas para Aidan o trabalho estava apenas a começar.

Passou sob o enorme arco do Templo dos Anciãos e parou em frente ao *chōzuya*. Mergulhando a concha na água da fonte, lavou a boca e as mãos antes de prosseguir.

Deixando soltar um resmungo por entre a respiração, atraves-

sou o pátio central e entrou no *haiden* onde os Anciãos o esperavam. Estavam sentados diante dele formando filas em semicírculos, virados para o portal ladeado de colunas que ele acabara de transpor. Muitos metros acima dele, havia tantas cadeiras que os próprios Guardiões tinham perdido a conta de quantos Anciãos as tinham ocupado outrora.

— Capitão Cross! — saudou-o um deles. Quem exatamente, Aidan não conseguiu perceber. Como sempre, pensou no Mestre Sheron, sabendo que o seu antigo professor estava ali entre os inúmeros Anciãos, absorvido naquilo que a Aidan parecia ser uma consciência coletiva. Esse pensamento entristeceu-o.

Fez uma vénia respeitosa.

— Anciãos.

— Fala-nos dessa tua Sonhadora, Lyssa Bates.

Foi-lhe difícil mas manteve o rosto impassível quando ergueu o tronco. A simples menção do nome dela, dito em voz alta, provocou-lhe uma descarga de prazer em todo o corpo. Apesar do negrume do seu sonho, ele tinha gostado das horas que passara com ela. Tinha-se sentido seguro atrás daquela imensa porta, reconfortado pela confiança dela, intimamente surpreendido e satisfeito pelo facto de ela ter querido estar com ele e não com um fantasma, uma fantasia que ela tivesse criado para se aliviar. E ela tinha manifestado compaixão por ele, tinha-o visto como um homem e não um autómato que mais não desejasse do que uma luta e uma foda.

— Disse já tudo o que sei sobre isso.

— Deve haver mais. Já sete ciclos de sono se passaram desde que entraste, e ela recusou todos os outros Guardiões.

Ele encolheu os ombros.

— Deixem-na em paz. Está sã e a salvo. Quando estiver pronta, deixar-nos-á entrar. Não tem necessidade de nós para já.

— Talvez tenhamos nós necessidade dela.

Enrijecendo a sua postura, Aidan percorreu com o olhar aquele mar de rostos, e o seu coração começou a bater com mais força. Os rostos devolviam-lhe o olhar, tapados por capuzes cinzentos e escuros que apenas deixavam ver as suas metades inferiores, o que os tornava todos iguais. Uma única entidade.

— Porquê?

— Porque ela chamou por ti.

Sentiu um sobressalto. *Ela lembrava-se dele*. Sentou que uma onda de calor o envolvia, e escondeu a sua reação fingindo desinteresse.

— E depois?

— Como é que ela sabe o teu nome verdadeiro?

— Eu disse-lho quando ela mo pediu.

— Porque consegue ela resistir a todas as investidas que tentamos?

— Porque é uma médica. É inteligente.

— Será ela a Chave?

O rosto de Aidan ficou carregado.

— Não. Se a conhecessem, saberiam o quão ridículo é sequer pensar nessa possibilidade. Ela nunca abriria o Portal aos Pesadelos. Teme-os tanto como nós. Além disso, ela tem um péssimo domínio do sonho: não consegue sequer ligar a luz, por isso fica ali no escuro.

— Temos de enviar mais Guardiões para que interajam com ela, a fim de podermos provar que o que dizes é correto, mas ela continua a rejeitar as nossas tentativas. Se não conseguirmos entrar, teremos de assumir o pior dos cenários e destruí-la.

Começando a andar de um lado para o outro, Aidan cruzou os braços atrás das costas e tentou argumentar racionalmente contra aquela paranoia irracional.

— Que posso fazer para vos convencer?

— Vai de novo até ela e fá-la abrir-nos a porta.

Por muito que desejasse ir, temia-o também. Passara toda a semana anterior sem conseguir deixar de pensar nela, e no seu bem-estar.

Ela estava a pensar nele...

Estremeceu levemente. Ele tinha estado na mente dela, tinha visto quem ela era em todos os níveis de profundidade. Conhecia-a tão bem quanto ela se conhecia a si mesma, tinha gostado do que vira, e desejava passar mais tempo na sua companhia.

O conflito entre o desejo de estar com ela e o desejo de a evitar acometia-o poderosamente, tal como um festim de doçaria colocado em frente a um homem esfomeado: ainda que soubesse que uma ligação com Lyssa o satisfaria, sabia também que não era bom

para ele e que apenas acabaria com mais fome ainda. A agitação que sentia era a prova disso.

— Se não fores, Cross, ficaremos sem qualquer alternativa.

A ameaça pairou no ar. O pedido para que se visitasse um Sonhador não era algo desconhecido, mas era muito raro e nunca tinha sido feito a um Guerreiro de Elite. Fortificou a sua resolução. Manter-se-ia frio e sereno, tal como fizera antes.

— Irei, certamente.

— Manter-te-ás lá até que ela abra a porta a outros Guardiões.

Não consegui esconder a surpresa.

— Mas sou necessário noutro local.

— Sim, a tua liderança far-nos-á falta — devolveu-lhe a voz sem rosto. — Contudo, esta mulher é única na sua capacidade de barrar tanto Guardiões como Pesadelos. Temos de saber porque faz ela isto, e como o faz. Talvez seja um talento que possamos ajudar outros Sonhadores a dominar. Imagina os benefícios se eles conseguissem defender-se sozinhos.

— E outra coisa. — Estacou e encarou-os. — Se estivessem de boa fé, teriam enviado uma Curadora ou um Cuidador para a persuadir.

Em vez disso, tinham enviado um homem conhecido pela sua frieza e habilidade em matar com precisão.

Houve silêncio.

— Se ela é a Chave, tu és quem está mais bem preparado para a eliminar.

Sentiu o sangue a gelar-se-lhe. Pensar que aquela estúpida lenda iria levar à morte de uma mulher tão doce e pura como Lyssa Bates dava-lhe voltas ao estômago. A cada dia que passava, Aidan odiava mais e mais o que fazia. Matar aqueles que tinham sido destruídos pela loucura ou pelos malefícios dos Pesadelos era já difícil. Mas não sabia bem como suportar a possibilidade de começar a matar também inocentes.

— Ficaste com ela, Cross. Podias ter recuado, permitido que outro a reconfortasse. A culpa disto recai toda em ti.

Abriu as palmas das mãos e estendeu-as.

— Que se passou connosco para que nós, os Guardiões dos inocentes, passemos a matar simplesmente porque não entendemos?

— A Chave deve ser encontrada e destruída — entoaram em unísono os Anciãos.

— Esqueçam a maldita Chave! — gritou, e a sua voz ribombou sob a cúpula, fazendo com que os Anciãos se encolhessem como um só corpo. — Vocês, tão sábios, não conseguem ver a verdade mesmo se ela vos encara de frente. *A Chave não existe!* É um sonho. Um mito. Uma ilusão.

Apontou-lhes um dedo acusador.

— Querem viver alimentados por falsas esperanças em vez de encararem os factos. Querem acreditar que há por aí uma coisa milagrosa que vai absolver-vos da culpa por terem trazido os Pesadelos. Mas só nos resta a nossa vontade de lutar, e estamos a desperdiçar energias em busca de algo que não existe. A guerra nunca acabará! Nunca. Podemos apenas ir salvando algumas pessoas. Que será de nós se o bem for destruído com o mal em nome de uma mentira...? A não ser... — e a sua voz baixou e tomou um tom sombrio —... que haja algo que não nos estão a contar. Alguma prova.

O silêncio que se seguiu à sua explosão foi ensurdecador, mas ele manteve a postura. Tinha-se limitado a dizer o óbvio.

Por fim, alguém falou.

— Não nos tinhas contado sobre a tua crise de fé, capitão Cross — dirigiu-se-lhe uma voz demasiado calma. — Mas tudo chega a seu tempo, e esta missão revela-se ainda mais indicada para ti agora que sabemos dos teus sentimentos.

Ficar fechado em algum local longe dali estava também a parecer-lhe cada vez melhor.

— Muito bem. Vou até ela imediatamente. E continuarei lá até novas ordens.

Esperava que eles acabassem por vir a si coletivamente e se dessem conta do fanatismo das suas crenças. Entretanto, iria defender Lyssa dela mesma e da Ordem que tinha por missão protegê-la.

Aidan girou sobre os calcanhares e abandonou a sala num revoltar irado de panos pretos.

Não viu o sorriso coletivo dos Anciãos.

E ninguém viu o único Ancião que não sorriu.

...

— Que aconteceu? Estavas com tão bom ar no último fim de semana.

Lyssa rolou sobre si mesma e encostou o rosto às almofadas do sofá.

— Aquela única noite de descanso acabou por ser um mero acaso.

A sua mãe estava sentada no chão e acariciava-lhe o cabelo.

— Sempre tiveste problemas a dormir. Primeiro foi quando estavas a crescer, depois vieram os pesadelos, as febres.

Tremendo perante a memória de banhos de água gelada, Lyssa aconchegou-se ainda mais no cobertor cor de sálvia. O *Jelly Bean*, deitado sobre o braço do sofá, bufou na direção da mãe.

— Esse animal está possesso — murmurou ela. — Já não gosta de mim.

— Mas não me vou ver livre dele. É o único macho que me aguenta quando estou assim.

Cathy suspirou.

— Quem me dera saber o que fazer, querida.

— Pois, eu também... Já estou cansada de estar cansada.

— Precisas de fazer mais exames.

— Não, por amor de Deus! — gemeu Lyssa. — Chega de ser a almofada de alfinetes humana, mãe. Chega.

— Não consegues viver assim!

— Viver? Se isto é viver, prefiro a morte.

— Lyssa Ann Bates, se te ouço dizer isso outra vez, eu... eu...

— A mãe dela hesitou, a resmungar, como se fosse incapaz de pensar numa ameaça pior do que a morte. — Vou sair agora e comprar os ingredientes para te fazer uma canja com massa. E tu vais comê-la toda, minha menina. Todinha.

Lyssa grunhiu algo e fechou os olhos.

— Mãe, vai-te embora! Deixa-me dormir.

— Eu já venho. Não vou desistir assim tão facilmente, e tu também não.

Ouviu o som da sua mãe a pegar nas chaves, muito abafado, como se lá ao longe, depois ela a fechar a porta de casa, abandonando-a àquele abençoado silêncio. Suspirou profundamente e adormeceu...

E foi acordada bruscamente por alguém a bater à porta.

— O que é que queres? — gritou, exasperada, rolando para o lado no meio da escuridão. — Vai-te embora!

— Lyssa?

Ela ficou imóvel, ouvindo o som daquele sotaque irlandês a atravessar com doçura o vasto espaço que a separava da sua fonte, apesar da porta que se interpunha entre eles. O seu coração deu um salto.

— Aidan?

— Posso entrar?

Sentando-se na cama, ela torceu o nariz e envolveu os joelhos dobrados junto a si num abraço.

— Onde estiveste?

— A trabalhar. — Houve um longo silêncio, e depois, mais suavemente: — Tenho estado preocupado contigo.

— És um sedutor — disse ela, tentando esconder com o seu tom o prazer que as palavras dele lhe causavam. Usando a sua mente, ela abriu a porta ao mesmo tempo que emitia um suspiro, desejando pela enésima vez poder ver o homem que vinha com aquela voz. Ouviu-o a entrar, apreciando o andar confiante e firme que revelava tanto acerca dele e a fazia sentir-se tão segura.

— Podes fechar a porta agora — disse ele, e ela assim fez.

Os passos dele abrandaram, e ela conseguia senti-lo a procurá-la.

— Ainda está escuro por aqui.

— Deste por isso, foi?

À medida que os passos dele se aproximavam, ela pôde ouvir um riso caloroso e profundo que enchia o ar.

— Já vamos tratar disso.

— Espero que possas ficar algum tempo — disse ela de forma algo seca. — Ando a tentar tratar disso há anos.

— Tenho todo o tempo do mundo.

Ela tentou ignorar a descarga de adrenalina que a percorreu da cabeça aos pés, e deu por si a rir-se sozinha. Estava a apaixonar-se por uma voz.

E um corpo másculo. Com braços fortes. E carinhoso, e paciente. Meu Deus, como ela estava só! Sentia a falta de uma vida social e de um namorado.

— Vais falar comigo e deixar-me encontrar-te?

A garganta dela estava tensa de amargura e arrependimento, e ela engoliu em seco antes de falar.

— Estou a perder o controlo, Aidan. Estou a ficar excessivamente sentimental. A mais pequenina coisa faz-me chorar.

Ele aproximou-se, e o passo não hesitou nem perdeu a firmeza, apesar da sua impossibilidade de ver.

— Admiro as pessoas que se permitem sentir as coisas.

— O que é que isso quer dizer?

— Precisamente o que eu disse.

— Não podes admirar uma mulher que se deixa ficar sentada no escuro, porque não passa de alguém demasiado estúpido para conseguir acender as luzes — retorquiu ela.

Aidan acocorou-se junto a ela.

— Posso. E admiro.

— Como é que consegues saber onde estou?

A proximidade dele e o tom íntimo da sua voz fizeram-na sentir arrepios. Mesmo sem conseguir vê-lo, ela sabia que o olhar dele fervia de intenção sexual.

— O teu cheiro.

Um momento mais tarde sentiu o rosto dele, e o bafo da sua respiração, no seu cabelo. Lyssa ficou paralisada, sentindo pele de galinha por todo o corpo, e um ligeiro bater de asas na barriga.

Ele recostou-se com ela apoiada contra o seu peito.

— Tu abres e fechas a porta sozinha.

Lyssa ouviu aquilo e franziu o sobrolho.

— Isso significa que consegues controlar o que te rodeia, se o quiseres — continuou ele, com um tom estranho na voz.

Ela franziu de novo a testa. *Uau, de facto fiz mesmo isso, e quase sem esforço nenhum.*

— E porque não consigo pensar e materializar uma cerveja fresca, então? Ou umas férias?

— E um tipo atraente?

Havia um tumulto de riso delicioso na voz dele.

O tipo atraente já eu tenho. Ela mordeu o lábio inferior quando pensou estas palavras. A voz de Aidan exalava promessas sensuais, e o seu corpo duro e as suas pernas longas e poderosas exibiam toda a sua energia. Ela ergueu o braço e tocou no cabelo dele, e descobriu que era curto, espesso e sedoso. Sem a possibilidade de

ver, a sua mente foi invadida por imagens de luxúria, os seus dedos a percorrerem aquele cabelo viçoso enquanto a boca dele fazia maravilhas entre as coxas dela.

Ele silvou por entre os dentes, e ela apercebeu-se de que a sua nova posição fazia com que os seus seios se apertassem contra o peito dele. Os seus mamilos tinham respondido imediatamente aos pensamentos dela, e ela sabia que ele conseguia senti-los. Afastando-se dele bruscamente, Lyssa tentou distanciar-se o máximo possível.

— Desculpa — murmurou ela, começando a caminhar de um lado para o outro na escuridão que ela tão bem conhecia.

Aidan ficou em silêncio durante muito tempo, depois pigarreou e disse:

— Vamos então tentar perceber como é que tu consegues controlar a porta.

Ela continuou a andar para a frente e para trás, num frenesi, certa de que nunca se tinha sentido tão estranha em toda a sua triste vida.

— Lyssa? — A respiração dele ficou mais audível. — Sabes o que eu acho?

— O quê?

Que eu sou uma doída ninfomaniaca?

— Acho que estás demasiado ansiosa para te conseguires concentrar em sonhar.

— Não será antes demasiado necessitada?

Ela afastou-se da tentação, dando passos suaves pelo soalho acolhedor. Pela primeira vez em muito tempo, desejou estar sozinha, o que a deixou irritada e frustrada.

— Tu consegues sonhar perfeitamente quando estás concentrada — disse-lhe ele.

Resfolegando, ela abanou a cabeça.

— Vá, diz... — murmurou ela entre dentes. — Preciso de sexo.

Soltou um suspiro quando sentiu que dois braços fortes a agarraram pela cintura e a apertaram contra um peito duro como pedra. Sentiu a excitação dele a crescer contra a curva das nádegas dela, uma presença quente e substancial que atravessava a sua roupa como ferro em brasa em direção à sua pele. O seu cérebro dei-

xou de funcionar, incapaz de processar o facto de que ele também a desejava.

— Vou fazer mais do que falar, tentadora — murmurou ele ao seu ouvido.

Depois virou-a de forma a que ela o encarasse, beijou-a com uma sede capaz de lhe tirar o fôlego, e a seguir deitou-a na areia dourada...

Capítulo 2

Com o sol a bater-lhe nos olhos, Aidan semicerrou-os e olhou para a mulher que tinha nos braços. O seu coração parou por momentos e cada célula do seu corpo pareceu ficar refém das tranças de cabelo dourado espalhadas sobre a areia.

— O que é que... — Ela suspirou, com os belos olhos negros bem abertos pela surpresa do que encontrou à sua volta. — Onde estamos?

Uma suave brisa tropical acariciou o cabelo dele, e ao fundo ouvia-se música *reggae*, mas os seus olhos nunca abandonaram o rosto dela. Ela estava confusa, espetando as unhas curtas na pele dos braços dele, e ele estava incapaz de pensar numa frase coerente que pudesse reconfortá-la.

Lyssa Bates era assombrosamente bela, com feições ao mesmo tempo aristocráticas e sensuais. A boca era túrgida e vermelha, feita para beijar. Os olhos tinham um desenho sedutor, revelando ao mesmo tempo inteligência e inocência. Porque se teria ela imaginado como alguém cansada e gasta?

Porque era assim que ela se sentia.

— Meu Deus. — Ela suspirou de novo, tocando o rosto dele com dedos reverentes. — És lindo.

E então voltaram a mergulhar na escuridão. A música silen-

ciou-se e a brisa perfumada do mar desapareceu, deixando-os ali abraçados um ao outro, com os corações a bater freneticamente.

— Que aconteceu? — disse ela, e começou a chorar.

Aidan estava imobilizado pelo choque. Ele tinha desejado o odor dela, a sensação do seu corpo, a sua forma brusca de falar... Sem se importar com o aspeto do rosto dela, ele tinha querido tê-la debaixo de si e fodê-la bem. O sexo como distração tinha sempre resultado bem com ele, e, pela resposta dela ao abraço dele, tinha descoberto que também iria resultar com ela.

E então viu-a. E agora queria algo mais.

— Assustaste-te — conseguiu ele dizer com uma voz rouca. — Perdeste o sonho.

Enquanto ele pensava nas implicações do que acontecera, ela continuou a acariciar-lhe o rosto, apreendendo as feições dele através do toque, tal como um escultor. Ele não fazia ideia do que ela vira enquanto houvera luz. O sonho dela transformava-o naquilo que ela mais desejava. Pela primeira vez, desejou que isso não acontecesse, que o efeito que ele tinha sobre ela fosse genuíno e que o rosto que ela admirava tanto fosse realmente o seu.

— Aidan?

A voz doce dela soou baixa, insegura. Soou a solidão.

A mesma solidão que ele sentia agora.

Ele rolou para o lado, puxando-a para cima dele e deixando cair os braços no chão. Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, sentindo o peso do seu dilema a esmagar-lhe o peito e a dificultar-lhe a respiração. Uma eternidade passada a seduzir tinha-lhe dado suficiente experiência para ter a certeza: algo de frágil germinara no breve instante em que os seus olhos se cruzaram com os dela.

Era preciso que ele esmagasse essa semente, e que esquecesse Lyssa.

— Sim.

A voz dele teve um som agreste e ela sentiu a confusão causada por isso a atravessar todo o seu corpo. Devia deixá-la, tirá-la de cima dele.

Mas não conseguia fazê-lo.

Então ela baixou a boca até tocar na dele, e o cabelo suave e perfumado dela envolveu-o, envolveu-os aos dois num casulo, até

que ele apenas teve consciência dela e do quanto a queria. Os lábios dela tocaram os dele, um beijo suave, uma leve pressão. Ele gemeu com a dor de saber o que se passava. Tomada de maior audácia, ela lambeu o lábio inferior dele antes de o chupar com um ritmo que lhe provocou uma ereção quase dolorosa. Lyssa agarrou a cabeça dele e elevou-se ligeiramente para roçar os seus seios pelo peito dele num movimento oscilante.

Aidan Cross, Guerreiro de Elite e sedutor imortal, estava a ser consumadamente seduzido pela primeira vez numa eternidade. E Lyssa Bates sabia fazê-lo muito, muito bem.

Ele tinha querido distraí-la e penetrá-la. Mas agora, isso parecia ser algo perigoso. O seu cérebro não estava a analisar passo a passo a melhor maneira de a excitar para que pudesse apressar-se e enfiar-lhe o pénis ereto. O seu cérebro já praticamente não funcionava, a não ser para registar o pânico no fundo do seu desejo por ela. Ele queria abraçá-la, levar o seu tempo, excitá-la até à loucura com a boca e as mãos antes de a penetrar e a fazer vir-se. Uma e outra vez.

Não para se perder no ato. Mas para se encontrar. Para se lembrar de quando ainda sentia esperança, de quando ainda não tinha medo de gostar de alguém.

Abrindo a boca para falar, sentiu-a invadida por um beijo penetrante, a língua dela volteando lá dentro, roçando na sua, fazendo-o estremecer. Ela mexeu-se, envolvendo com as coxas as ancas dele, encostando a rata ao seu caralho, e o corpo flexível dela deslizou sobre o dele numa carícia total. O seu peito oscilava de tal forma que se sentiu tonto. A suar, tentou afastá-la, mas os seus músculos recusaram obedecer-lhe.

— A areia — murmurou, virando a cabeça, o que permitiu que ela lhe mordiscasse o maxilar.

Imediatamente sentiu que estava deitado sobre areia.

— O sol.

Se ele conseguisse fazê-la focar outra coisa, talvez o ardor dela diminuísse o suficiente para que ele conseguisse resistir-lhe e salvar-se. O seu crescente fascínio por ela não podia aumentar mais. Uma relação entre eles não tinha qualquer futuro, e mesmo que tivesse, nada havia a esperar dela. Ele precisava de dedicar cada fração de energia que possuía à luta. Não podia dar-se ao

luxo de perder a concentração necessária à tarefa que tinha em mãos.

O ar em torno deles tornou-se ligeiramente mais claro, como o de uma alvorada, banhando-a num brilho dourado que formava um halo através do seu cabelo. Era como um anjo, uma mulher ao mesmo tempo aberta e inocente, mas não tão frágil quanto as circunstâncias a faziam parecer.

— Por favor, não pares — sussurrou ela ao ouvido dele, fazendo-o arrepiar-se.

— Lyssa. — O seu maxilar ficou tenso. — Não entendes.

Ela apertou as ancas e desceu-as contra ele, e ele sentiu o pénis a estremecer com o contacto do calor dela junto à sua zona mais sensível.

— Tu desejas-me — teimou ela.

— Sim, mas há coisas que tu não...

— E eu desejo-te.

Aidan gemeu quando ela voltou a contorcer-se.

— Ah, que se foda! — murmurou ele e rolou para a ter debaixo dele.

— Era isso mesmo que eu estava a propor — disse ela com uma voz e uns olhos sorridentes.

Desligando deliberadamente a parte do seu cérebro que o impelia a pensar duas vezes, Aidan deixou que o corpo comandasse.

Era isto que ele conhecia bem, que passara séculos a fazer, e nunca desejara tanto uma mulher como agora. Tinha a coragem de lutar contra legiões de Pesadelos, mas medo de foder a mulher que desejava?

— Não penses em nada a não ser em mim — disse ele brusca-mente. — Deixa-me guiar-te.

— Força.

Concentrando-se com mais energia do que alguma vez tivera de usar, Aidan tomou os freios do sonho, alterando o cenário, criando um quarto circular iluminado por velas e cheio do aroma de flores exóticas. Havia incenso a queimar em vários suportes, libertando finos filamentos de fumo branco perfumado no ar. No meio daquele espaço coberto de veludo estava uma enorme cama redonda repleta de lençóis de seda de várias cores. Foi aí que os visualizou, deitados por entre toda aquela suavidade, nus e abraçados. Agora que estava

determinado, ia fazer com que esta fosse uma noite que nenhum deles jamais esqueceria. O tempo para estarem juntos era limitado, e ele estava decidido a esgotar a luxúria de ambos antes do fim.

— Uau! — Ela abriu bem os olhos negros. — Como é que fizeste isto?

— Chiu. — Colocou os dedos sobre os lábios dela. — Chega de falar. — Virando-se para o lado, segurou na mão dela e colocou-a sobre o peito dele. — Sente o ritmo da minha respiração.

— Hmm... Preferia sentir-te todo nu.

Ele franziu o sobrolho.

— Eu conduzo, lembra-te. — Respirando profundamente, Aidan começou a imitar o ritmo rápido da oscilação do peito dela, e depois abrandou. — Acompanha-me.

Lyssa seguiu-o até que ambos respiravam ao mesmo ritmo. A concentração necessária para que ela o conseguisse obrigou-a a focar-se ao máximo. Sentia-se inundada de estímulos sensoriais: os aromas encantadores do quarto, a sensação do corpo firme e poderoso dele e a suavidade do material sobre o qual estavam deitados.

Perscrutando à sua volta, notou a profusão de flores de hibisco em jarras de vidro cheias de água e o brilho suave de cor violácea que saía dos candeeiros a óleo. Havia velas também, postas em castiçais incrustados de joias, e por um óculo no teto entrava a luz do luar. O efeito do conjunto era mágico, absolutamente sensual e muito erótico.

À medida que todo o seu mundo se encolhia até abranger apenas aquele quarto e o homem com quem ela o partilhava, Lyssa sentiu que o seu encantamento por Aidan se tornava mais profundo.

— Não percas o ritmo da tua respiração.

A voz dele era um rumor grave e sedutor que a penetrava por completo. Aidan estendeu a mão e uma pequena garrafa de líquido dourado materializou-se na sua palma.

— Vais ensinar-me a fazer isso um dia destes? — sussurrou ela, vendo-o a mover-se graciosamente ao lado dela, e a espalhar um óleo que cheirava a jasmim nas mãos.

— Um dia. Esta noite não. — O seu sorriso lento fê-la sentir um baque. — Esta noite vou dar-te o que ambos queremos.

Lyssa mal podia acreditar no que estava a acontecer. Estava prestes a ter sexo com um homem que mal conhecia.

Mas isto era um sonho, e nenhum tabu se aplicava ali. Não tinham de passar pelo ritual de saírem juntos para jantar e de irem ao cinema depois, de seguirem as “regras” até que ambos pudessem dizer que se conheciam suficientemente bem para dormirem juntos.

Que estupidez. Ela já sabia tudo o que precisava de saber: que ele era terno e atencioso, que se esforçava para criar um ambiente luxuriante no qual pudesse tomá-la. Se isto tivesse sido apenas sexo, ele tê-la-ia fodido na areia e pronto. Em vez disso, tudo na forma como ele fazia amor com ela indicava que o seu objetivo era dar-lhe prazer.

Mantendo a respiração funda e regular, Lyssa permitiu que o seu olhar percorresse todo o corpo de Aidan, e admirou a pele morena dele a brilhar à luz das velas. Estava alisada perfeitamente sobre músculos peitorais admiravelmente definidos e abdominais rijos, e os bíceps dele estremeciam enquanto esfregava o óleo nas mãos.

Depois olhou para baixo, captando o objeto do seu desejo. Sentiu água na boca e a sua vagina ficou húmida ao ver o pénis impressionante dele e os seus enormes testículos.

— Meu Deus, mas que bem dotado és!

Sentia todo o seu corpo a tremer, e a cabeça cheia de imagens dele a levá-la ao orgasmo com aquela deliciosa ereção.

Caramba! Finalmente, depois de tantos anos à espera, tinha conseguido o homem perfeito. Pensar nisso fê-la contorcer-se de desejo, com a pele a esquentar e muito sensível.

Lambeu os lábios quando ele a montou. O pénis grosso e coberto de veias salientes curvava-se para cima e quase chegava ao umbigo. Ele tinha mais de um metro e oitenta, com ombros tão largos que não conseguia contorná-lo, e contudo ela não se sentia intimidada pelo seu tamanho. Sentia-se segura e protegida, e profundamente excitada por ter um exemplar tão magnífico de homem com ela na cama. O peito dele afinava-se até uma cintura estreita, ancas elegantes e coxas poderosas. A imagem daquelas coxas entre as dela deixou-a de boca seca.

Incapaz de resistir, Lyssa levantou as suas mãos e envolveu com elas o pénis ereto. Deslizou com os dedos até à ponta dele, calculando o seu comprimento, e pestanejou de admiração.

Mas, realmente, se ele era enorme em tudo o resto, porque não ali também?

— Há uma filosofia espiritualista chamada Tantra — murmurou ele, afagando-lhe os seios ansiosos e massajando-os. — Já ouvieste falar?

— Uma coisinha...

Os dedos dela percorreram todo o comprimento do pénis duríssimo, apreendendo a sua forma e textura ao pormenor. Sentiu, por um breve instante, que a respiração dele teve um pico, e depois retomou o seu ritmo.

As mãos ásperas dele apertaram a sua carne túrgida com sabedoria. À medida que a sua corrente sanguínea abrandava, percorrendo-lhe preguiçosamente as veias, o seu olhar começou a turvar-se pelo peso das pálpebras.

— O Tantra ensina os crentes que a energia cósmica está nos nossos corpos, e que uma união genuinamente tântrica unifica essas energias numa só.

— Aidan... — Lyssa gemeu levemente ao sentir as pontas dos dedos dele nos seus mamilos. Estavam tão duros, quase doridos da excitação, e o óleo nas mãos dele permitia-lhe deslizar pela pele em brasa dela. A combinação de conforto e estimulação estava a deixá-la louca. — Hmm... Eu acho que não preciso de preliminares agora...

Aidan pestanejou, e todos os seus poros exalavam o aroma a sexo perverso, erótico e decadente.

— É isso que estou a tentar dizer-te. Não vai ser uma simples queca. Na verdade, ainda vai levar algum tempo até sentires o meu pau dentro de ti.

— Estás a brincar...

As costas dela arquearam quando ele lhe beliscou os mamilos eretos.

— Não estou, não...

Concentrando o seu olhar, ela desejou ter algum daquele óleo nas mãos também. Imediatamente sentiu estas a ficarem escorregadias, e um sorriso atrevido desenhou-se-lhe na boca. Apertou-as e bombeou a todo o comprimento o mastro palpitante dele. Ele gemeu.

— Também sei jogar esse jogo — murmurou ela.

— Vamos ter de te arrefecer um bocadinho, gulosa. — Aidan procurou com uma mão entre as pernas dela e fê-la abri-las para que pudesse acariciar-lhe o clítoris. Fê-lo em pequenos círculos, com uma pressão suave, e com a outra mão continuou a beliscar-lhe o mamilo. — Estás com demasiada vontade dele. Demasiado impaciente.

— Oh, meu Deus... — suspirou ela, agarrando o pau dele com força no momento em que um orgasmo súbito e agudo se apoderou dela. Sentiu que dois dos dedos grossos e longos de Aidan a penetravam e fodiam, e que o seu polegar oleado continuava a massajar-lhe sabiamente o clítoris. A sua rata estava acossada por espamos e o seu corpo estava tenso como um arco, esticando-se... tentando alcançar...

Quando sentiu um novo orgasmo, a sua vagina envolveu e sugou avidamente os dedos de Aidan que a bombeavam.

— Tão quente... — grunhiu ele, inclinando-se sobre ela, com os músculos tensos dos seus abdominais a suportarem-lhe o peso do torso. Apoderou-se da boca dela, e os seus lábios percorreram os dela, a sua língua deslizando pelo espaço entre os lábios ao ritmo do que os seus dedos faziam entre as coxas dela. O pendente que ele tinha ao pescoço balançava com os seus movimentos, roçando provocadoramente a pele dela como outro estímulo a juntar aos demais.

Lyssa afastou as pernas com uma ânsia descarada, querendo-o mais fundo do que os dedos dele conseguiam ir. Abrindo a boca, tentou bebê-lo com um beijo frenético e apaixonado. Ele encaixou a boca na dela e deu-lhe o que ela queria: um beijo como um mergulho profundo. Sentindo-se selvagem e fora de controlo, ela começou a masturbá-lo com as mãos, apertando bem a cabeça grossa do pénis a cada movimento ascendente.

— Para — pediu ele com voz roufenha, à medida que o aperto dela anunciava cada vez mais a iminente ejaculação. — Vais-me fazer vir se continuares a fazer isso.

— Disseste que podíamos abrandar o ritmo. Podemos fazê-lo na próxima vez.

A próxima vez. Aidan nunca pensara numa “próxima vez” com uma mulher. Sempre tinha havido apenas a *única vez*. É claro que ele poderia fazer essa única vez com ela durar a noite toda. Mas já

sabia, por essa altura, que não aguentaria nem cinco minutos dentro dela. Felizmente ela estava já mais do que recetiva, com a vagina tão quente e húmida que quase a sentia derreter-se em volta dos seus dedos. E, como ela mesma dissera, poderiam ir mais devagar na próxima vez.

Saber que podia possuí-la mais do que uma vez deixou-o ainda mais excitado, e o seu pénis agigantou-se.

— Põe-te de gatas — ordenou-lhe ele, afastando-se.

Ela arregalou os imensos olhos negros enquanto ele se libertava do seu abraço. Engoliu em seco.

— Não sei se consigo nessa posição. És muito dotado.

Aidan agarrou no seu pau com ambas as mãos e besuntou-o com uma mistura feita do óleo e do creme dela.

— Fá-lo. Deixa o resto comigo, e vem-te.

Ela rolou para o lado e revelou um rabo rijo e de deliciosas curvas que fez com que os testículos dele endurecessem. Os pelos encaracolados cor de mel escuro que ela tinha entre as pernas eram tão curtos que revelavam as suaves dobras das nádegas, de um rosa muito pálido.

Ele fechou os olhos e respirou bem fundo, sentindo cada músculo tenso de expectativa e desejo. Não era aquilo que ele tinha agora diante dos olhos que mais o afetava. Era a confiança dela. Sentia o coração a bater freneticamente, e o seu ritmo respiratório estava tão irregular e descontrolado como ele. Era como se estivesse perante um precipício, sabendo que ia cair mas sem poder fazer nada quanto a isso.

Quando fora a última vez que se sentira tão excitado? Quando fora a última vez que desejara uma mulher com tanta intensidade?

Aidan quis nesse momento que as emoções que sentia fossem simples consequências desta sua nova missão. Não tivera sexo desde que conhecera Lyssa. Não houvera tempo para isso, pura e simplesmente, com todos os trabalhos que tivera em mãos, e quando dispusera de uma hora livre ou duas, passara-as a pensar nela. Talvez essa ausência de sexo estivesse agora a manifestar-se. Só podia ser isso. Havia séculos que fodia mulheres. Que podia haver de diferente com esta?

— Vá — suspirou ela.

Ele abriu os olhos e viu-a a olhar para ele por cima do ombro.

A garganta apertou-se-lhe à vista da graciosa curva das costas dela e da sua elegante cintura. Era de uma beleza que ecoava fundo nele.

Agarrando-lhe a anca com uma mão, com a outra dirigiu o seu pau ereto para a abertura húmida dela, esfregando e dando palmas com a cabeça dele ao longo da rata.

— Estou... nervosa — admitiu Lyssa, com cada nervo do seu corpo concentrado na sua vagina e naquele pénis pronto a penetrá-la. Estava banhada em suor. Estremeceu quando ele começou a entrar nela, alargando-a com a glande espessa.

— Não estejas. Tenho tudo controlado.

Aidan penetrou-a devagar, muito devagar, manobrando delicadamente dentro dela, avançando, retrocedendo, fazendo com que ela sentisse cada centímetro. Era um progresso penoso, excitando-a, levando-a à loucura até que os seus braços começaram a tremer, forçando-a a afundar-se nos lençóis que cobriam as cama. A mudança de ângulo arrebitou as ancas dela e elevou-as, permitindo que ele a penetrasse ainda mais. Ela gemeu.

— É isso. — A voz dele era como veludo rugoso e escuro. — Deixa-me comer essa ratinha.

— Dá-me esse pau — respondeu ela, quase sem fôlego, com os olhos a fecharem-se e as mãos agarrando-se à seda perfumada. Estava a ofegar e contorcia as ancas, mas ele manteve-a bem segura e continuou no mesmo ritmo lento. — Ai, meu Deus... Que delícia!

Lyssa nunca se sentira tão excitada em toda a sua vida. Estava tão molhada, tão quente. Só dessa forma mesmo, para poder receber um homem tão dotado como ele.

— Oh, Lyssa... — murmurou ele, quase a cantar, com uma mão a acariciá-la ao longo da espinha, fazendo-a arquear-se como uma gata. — Tens a cona mais apertada, gostosa e gulosa que já fodi...

— Aidan...

Estremeceu violentamente, excitada por aquelas palavras grosseiras ditas por ele num tom voluptuoso, e gritou. A lubrificação adicional permitiu que ele a penetrasse ainda mais fundo, e ambos arquejaram. Regular a respiração estava fora de questão agora. Estavam já demasiado descontrolados e completamente focados no ponto em que os seus corpos se uniam.

Ela gostava de palavras grosseiras na cama, tinha tido fantasias sobre isso, mas era preciso um homem muito confiante em si

mesmo para as dizer daquela forma. Até essa noite, ela nunca encontrara um.

Por fim, Aidan afundou tudo, sentindo os seus testículos pesados a roçarem o clítoris dela. Afastou-se e voltou a bombear, e ela emitiu um gemido profundo ao sentir as batidas do saco dele contra a sua carne.

A voz dela estava distorcida pelo prazer.

— Vais tão fundo...

E ia. Cada fenda da rata dela se abria para o envolver como uma luva feita de encomenda. Não havia dúvida de que encaixavam na perfeição.

Aidan fez uma pausa, com uma mão ainda sobre a anca dela, e a outra no ombro. O seu peito investia contra as costas dela como um fole, o que permitiu que ela sentisse a tremura nas coxas dele. Lyssa sentia-se prestes a decompor-se em mil pedaços, e, pelos vistos, ele também se sentia assim.

O odor inebriante da pele dele encheu o ar em torno dela, misturando-se com o incenso. Onde se tocavam, colavam-se um ao outro, suor contra suor.

— E se nos viermos já...? — sugeriu ela, a tremer, tentando pensar num ponto para além daquele momento de vulnerabilidade.

— Sim.

Aidan começou a acariciar-lhe o clítoris daquela forma diabólica, em círculos, e penetrou-a com firmeza e em profundidade. A sensação era incrível, de algo que se alargava e se encolhia, de sofreguidão, de sucção, de ser bombeada com precisão por um homem que era tão bom no sexo que a deixava louca de lascívia.

Lyssa não tinha dúvidas que estava com um homem acima da sua liga. Não tinha a experiência para tratar de um homem como Aidan. Isso era óbvio na forma como ele cobria o corpo dela e o montava com a absoluta segurança de quem está no seu ambiente. Ela, por seu lado, podia apenas ficar ali deitada e recebê-lo, com todo o corpo tão sensível que a simples fricção do pendente dele contra as suas costas a fez ter um orgasmo.

— Tão doce... — gemeu ele quando ela se mexeu e emitiu um grito lancinante. — Estou a vir-me...

Lyssa sentiu o pau dele estremecer dentro dela no momento da ejaculação que a encheu de vagas de sémen quente e espesso.

Tinha um zumbido nos tímpanos que a impediu de ouvir perfeitamente, mas aos poucos apercebeu-se das palavras dele, sussurradas docemente numa língua que ela não compreendia. O seu tom era reverente, e o seu abraço poderoso.

Quando os joelhos dela cederam, ele seguiu-a na queda e aninhou-se junto a ela.

Ainda junto a ela.

Ainda a murmurar aquelas belas e misteriosas palavras com os lábios bem colados à pele dela.

Capítulo 3

Aidan estava deitado e olhava para o céu estrelado através do óculo no teto. Parecia sereno e saciado, mas por dentro sentia-se profundamente abalado. Não sabia como lidar com o sentimento de extrema ligação à mulher que dormia aninhada a seu lado.

Quando penetrara o corpo firme e sensual de Lyssa, a ligação tinha sido mais do que um sonho, mais do que sexo. Ele tentara que a união deles não fosse mais do que prazer físico. Tinha-a virado, desviado o rosto dela do dele, mas nada tinha resultado. A ansiedade descontrolada que sentira com ela não se tinha dissipado com o orgasmo, estava até pior do que antes, e a essa ansiedade acrescentara-se o facto de ele saber que teria de a deixar em breve, e que não voltaria a vê-la de novo.

Os seus olhos fecharam-se. Ela tinha feito amor com *ele*, não com uma fantasia. Não com o Capitão da Elite. Não com um Guardião de reputação lasciva. Com o Aidan Cross.

Estava certo que ela fora a única mulher a fazê-lo em toda a vida dele.

O efeito que o reconhecimento deste facto teve nele foi surpreendente. Tal como ela, também ele andava carente de sexo. Ele, um

homem que fodera um número literalmente infundável de mulheres, acabara de ter uma experiência sexual ímpar.

— Diz-me lá então. — O bafo morno dela espalhou-se-lhe na pele. — Que coisas são essas que dizes não conseguir entender?

— Lyssa... — Ele suspirou e olhou para baixo, para o topo da cabeça dela. Como poderia ele contar-lhe apenas o suficiente para a manter a salvo e para não incorrer na ira dos Anciãos?

— Hmm... — Ela ergueu-se para o encarar. — Deixa-me adivinhar. Não gostas de te comprometer, não andas à procura de uma namorada, não queres amarras. É apenas sexo.

Não era, mas ele nunca poderia contar-lhe isso. Em vez disso, disse-lhe:

— Sou um Guardião do Sonho...

Ela abriu bem os olhos.

— ‘Tá bem... Essa nunca tinha ouvido antes.

— A praia, esta tenda, as tuas roupas, até a escuridão... São invenções da tua mente.

— ‘Tá, já percebi.

— Eu não.

— Tu não, o quê?

— Eu não sou um produto da tua imaginação. Podes alterar a minha aparência conforme o teu desejo, mas apenas isso. Não me podes obrigar a fazer nada que eu não queira.

— Sim, isso eu percebi logo. — Lyssa cerrou os lábios e ofereceu um sorriso ambíguo. — Quer dizer que não és um deus sexual, alto, moreno e lindo de morrer?

Os lábios de Aidan tremeram ao conter um sorriso.

— De que cor é o meu cabelo?

— Negro.

— Por todo o lado?

Lyssa percorreu o peito dele com os dedos e continuou até aos seus testículos, que envolveu na sua mão.

— Sim, por todo o lado.

— E a cor dos meus olhos?

Ela semicerrou os olhos e aproximou-se ainda mais.

— Não tenho bem a certeza — acabou por dizer num tom hesitante, quase em surdina. — São escuros. A luz aqui não é boa.

Ele ergueu a mão e segurou a dela, e a seguir deixou-a cair

como se se tivesse queimado. Foi o primeiro sinal de que algo não estava bem. Ela viu as mãos dele cerrarem-se em punhos e perguntou a si mesma o que se passaria.

— A luz está boa.

— Portanto, presumo que esse não seja o teu aspeto real.

— Não.

Ela sentiu-se estremecer. Acabara de fazer amor com um homem que não conseguia ver. Era algo tão bizarro que não sabia exatamente como se sentir.

— O que faz um Guardiã do Sonho?

— Depende — disse ele, com uma voz roufenha. — Somos muitos, e estamos divididos em certas especialidades. Cada Guardiã tem as suas qualidades. Alguns são mais ternos e reconfortam os que sentem dor ou vivem com alguma tristeza mais profunda. Outros são mais lúdicos e provocam sonhos de feitos desportivos ou de concursos de televisão.

— Suponho que sejas um dos ternos — disse ela, lembrando-se da compaixão e do cuidado que ele demonstrara, e sentiu paz ao pensar nisso. Não sabia como ele era, mas sabia que tipo de homem ele era, e isso era tudo o que contava.

Aidan endureceu sob ela.

Ela abriu os olhos de curiosidade.

— Que foi?

— Sou Capitã dos Guerreiros de Elite — disse ele, como se isso explicasse tudo.

Mantenho os maus à distância, dissera-lhe ele na primeira noite. Mas ele fora carinhoso com ela. Terno.

— O que é um Guerreiro de Elite?

— A minha missão é proteger os Sonhadores que tenham Pesadelos recorrentes.

— Como um guarda-costas?

— Mais como um resgate militar.

— É por isso que és enorme.

Ele olhou para ela de forma intensa.

— Sou grande, sim, mas não faço ideia do que vês quando olhas para mim, Lyssa. O teu sonho está a fabricar a minha aparência. Os Sonhadores não podem ver os Guardiões. É o teu inconsciente que compõe tudo.

— Oh! — Lyssa deixou-se afundar ainda mais na cobertura de lenços. — Porque preciso eu de um Guerreiro de Elite nos meus sonhos? Eu não tenho pesadelos.

— A porta que construístes é impressionante. Tivemos de entrar, e eu fui quem eles mandaram para o fazer.

Ela riu, um riso curto e sem sombra de humor.

— Foi por isso que regressaste esta noite? Porque eu não abri a porta aos outros... Guardiões?

— Sim.

Ela sentiu nós no estômago. Tinha acreditado piamente nele quando lhe dissera que se preocupava com ela.

— Porque querem tanto entrar? Não há nada para ver aqui.

Aidan ergueu-se e recostou-se contra um monte de almofadas. Exceto a corrente de prata com o pendente em pedra que usava ao pescoço, estava completamente nu. O mais voluptuoso *animal* masculino que ela vira. E, apesar de aplaudir o feito da sua imaginação, teve pena de que ele não fosse real.

A perfeição viril dele era tudo imaginação dela.

— Os Pesadelos são reais — disse ele. — Mas não na forma como os humanos tomam contacto com eles.

— Hã?

Ela esperou que ele falasse e depois ficou a escutar com as palmas das mãos húmidas, enquanto ele lhe explicava o espaço abreviado, o espaço-tempo e os planos de existência numa voz desprovida de qualquer entoação.

Desde que os Pesadelos tinham descoberto o inconsciente humano através da fissura criada pelos Anciãos, a batalha tinha durado uma eternidade. Os sonhos criados pela mente humana tinham dado aos Pesadelos uma nova fonte de energia da qual se podiam sustentar. Medo, fúria, angústia: emoções facilmente alimentadas através dos sonhos e de que os Pesadelos se alimentavam.

— Vi muitas vezes os círculos negros em torno dos olhos dos humanos, os ombros descaídos, o andar cansado. — As mãos de Aidan, fechadas em punhos, batiam ritmicamente no seu colo. — Ao longo dos anos, os Anciãos tentaram fechar a pequena brecha entre o Crepúsculo e o teu mundo, mas não há forma de a fechar, Lyssa. Apenas podemos ir em missões de socorro, aqui e ali.

E ela que pensava que era uma perita em sonhos depois de uma vida a lutar com os dela. Mas sabia tão pouco.

— Resistimos o melhor que podemos para vos protegemos — continuou ele. — Tornámo-nos fantasmas, assumindo as formas e as nuances de cada inconsciente individual.

Lyssa pensou cuidadosamente em tudo o que ouvira, e depois atreveu-se a uma pergunta.

— Porque tenho de saber isto tudo? Parto do princípio que muito poucas pessoas sabem disto.

— A maior parte não sabe — concordou ele. — Mas tu és mais forte do que a maioria. Consegues desmontar os nossos disfarces e manter-nos fora se o desejares. Fui incumbido da missão de te convencer a abrires a porta. Uma vez que entendes que isto é um sonho, o que é raro mas não inaudito, decidi contar-te tudo.

— Eles querem apenas entrar e ver se há por aqui Pesadelos escondidos? Mas não é isso que fazes normalmente?

Aidan ficou em silêncio durante um momento.

— Eles estão à procura de alguém, Lyssa. Não sabem exatamente quem procuram, mas há certos detalhes que levantam suspeitas. E tu tens alguns desses detalhes. Tenho receio de que demasiados anos à procura os tenham tornado excessivamente zelosos. Quero que tenhas cuidado quando te visitarem. Preferia que revelasses o mínimo possível sem levantar suspeitas. Estou a dizer-te isto porque quero que estejas preparada.

Ela anuiu com a cabeça.

— Tudo bem. Devíamos combinar um sinal secreto ou algo assim. Se começar a falar demasiado, podes avisar-me.

— Lyssa...

Ele inspirou profundamente.

O estômago dela deu uma volta quando Aidan não disse mais nada, o que, em si, queria já dizer muita coisa.

Ele não regressaria.

— Estou a ver. — Ela tinha sentido a sabedoria do seu toque, tinha-a provado nos seus beijos, e estaria a fodê-lo como uma doída agora mesmo se não tivesse precisado de uns segundos para se recompor. O homem sabia o que fazer com o corpo de uma mulher. — A sedução também faz parte do teu trabalho?

O maxilar dele ficou tenso.

— Algumas vezes.

Ela estremeceu com a dor aguda que sentiu no peito.

— Um amante e um lutador.

— Um guerreiro — corrigiu-a ele de forma sombria.

— Um homem de muitos talentos. — Expirando, Lyssa rolou para o lado e afastou-se dele, chegando-se à berma da cama, tentando esconder a tremura no seu lábio inferior. — Vai e diz-lhes que os deixo entrar.

Sentiu-o mexer-se atrás dela, e depois as mãos largas dele nos seus ombros. No momento seguinte os lábios dele estavam colados à sua pele. Ela mexeu-se e abandonou a cama, desejando ter à mão um robe ou algo com que se cobrir. Para sua surpresa, viu um sobre a cadeira junto à porta, e pegou nele antes de sair do quarto...

... onde o sol brilhava numa praia de areias imensas. Estacando com a surpresa, sentiu-se impelida a mover-se com a aproximação de Aidan.

Visualizou um pequeno bar de telhado de palha mais à frente e começou a caminhar rapidamente em direção a ele. Estava a precisar de uma bebida. Desesperadamente.

— Acho que já percebi como funciona isto dos sonhos. Obrigada pela tua ajuda.

— Talvez fosse medo o que te oprimia — disse ele atrás dela, seguindo-a. — Em algum momento, os Pesadelos devem ter-te assustado realmente. Escolheste a segurança da escuridão e a porta em vez dos sonhos.

— Ainda bem que já sei isso. Creio que estou curada. — Quando ele se materializou à sua frente, ela gritou e deu um salto para trás. — Bolas, pregaste-me um susto daqueles! Não faças isso!

O olhar negro de Aidan estava turvado por emoções poderosas que ela não conseguia identificar.

— Não te afastes de mim dessa forma depois de fazermos o que acabámos de fazer.

Aquela simples frase fez com que ela começasse a sentir um formigueiro na barriga que se transformou num arrepio por todo o corpo. Tudo o que ela queria no mundo — aquele mundo e o seu — era aninhar-se num abraço com ele e sentir-se segura enquanto tentava assimilar tudo aquilo. Mas estava a sentir coisas que

não deveria sentir. Ânsia, possessividade, desejo... Quanto mais ele permanecesse ali, pior seria.

— O que queres que eu faça, Aidan?

Algo quente faiscou no olhar dele quando ela disse o seu nome.

— Vamos voltar para dentro. Ainda há tempo.

— Não. — A voz dela estava mais trémula do que ela teria desejado. Apesar da sua curta associação com ele, Aidan tinha sido o seu conforto, a rocha sólida à qual ela pudera apoiar-se. Perdê-lo iria ser doloroso. Já estava a sê-lo. — Seria melhor se te fosses embora agora.

— Porquê? — perguntou ele, por entre os dentes cerrados.

— Não gosto muito de quecas piedosas. — Quase conseguia ouvir os dentes dele a roçarem uns nos outros e isso dava-lhe satisfação. As suas emoções estavam todas descontroladas; era justo que as dele também ficassem. — Tenho-me conseguido proteger muito bem durante todos estes anos. Não preciso que me fudas até me fazeres entrar no Crepúsculo ou lá que raio é que tu fazes.

As narinas dele estavam dilatadas.

— Estás zangada. Eu entendo. Mas sabes que não foi por isso que tivemos sexo.

— Sei? Hmm...

Ela virou-se e visualizou a cabana-bar na direção oposta.

— Lyssa...

O aperto dele travou-a de tal forma que ela quase saltou para trás.

— *Lyssa, por amor de Deus, acorda!*

Empurrões violentos fizeram-na tomar consciência da voz da sua mãe e da sua sala de estar de cor castanha-acinzentada.

— Sim, sim... — murmurou ela, esfregando os olhos.

A mãe de Lyssa inclinou-se sobre ela.

— Meu Deus, Lyssa! Assustaste-me de morte!

— Hã?

— Estás a dormir há quase vinte e quatro horas sem mexeres um único músculo. Tive de te ir controlando de hora a hora só para ter a certeza que ainda respiravas!

Fechando os olhos, Lyssa suspirou e esticou-se, sentindo a dor em todos os seus músculos por ter permanecido tantas horas na mesma posição.

— Dormi na tua cama ontem à noite, porque estava com medo de te deixar assim.

Em toda a vida de Lyssa, a sua mãe estivera sempre numa ânsia desesperada de encontrar uma cura física para o que ela tinha sempre suspeitado ser uma doença mental.

— Estou bem, mãe. — E, pela primeira vez em muitos anos, ela sentia-se realmente bem. Não sabia ao certo porquê, apenas que se sentia bem. Como se algo tivesse ficado resolvido ou curado. Como se tivesse sido encontrada a resposta a uma questão pendente durante muito tempo. — Que horas são?

— Já passa das oito.

— Ah! — Afastando o cobertor, Lyssa levantou-se com uma expressão de pânico. — Vou chegar atrasada à consulta com o primeiro paciente se não me ponho a andar.

— Como podes estar a pensar em ir trabalhar se ainda há um minuto eras um vegetal?!

O efeito que deveriam ter as mãos severas da sua mãe, apoiadas sobre as ancas, perdia-se com o cabelo totalmente desgrenhado dela.

— O trabalho é tudo o que me resta, mãe. Não vou deixar que também isso vá pelo cano abaixo, junto com a minha saúde e a minha vida amorosa.

— Vou chamar o teu médico e dizer-lhe que tem de te fazer mais exames.

Lyssa já estava a subir as escadas.

— Nem penses.

— Se não concordares em fazer mais um exame, não te vou deixar ir para o trabalho...

— Mãe...

Ela olhou para o fundo das escadas, mas os maxilares tensos e teimosos da mãe deram-lhe o sinal de que discutir seria inútil.

— Tudo bem — cedeu ela a contragosto — mas tens de me fazer café.

Um duche e três chávenas de café depois, Lyssa estava a sair do condomínio, conduzindo a toda a velocidade a caminho do trabalho. O vale estava ainda coberto por uma neblina e o céu estava cinzento, e o ar tinha um leve travo gelado que a fez sentir mais desperta. Não sentia que tivesse descansado como na semana anterior,

mas também não sentia que ia adormecer ao volante a qualquer momento. Bastou este facto para que ela começasse o dia com o pé direito.

Estava a assobiar quando abriu a pesada porta de aço das traseiras da clínica, e, quando entrou na Sala de Exames número um, decorada com um bonito papel de parede às riscas azuis e brancas, Lyssa ostentava já um enorme sorriso.

— Bom-dia! — lançou ela, com os olhos bem abertos e dirigindo-se ao dono da paciente que se tinha virado para a ver. — Sou a doutora Bates.

Alto e de cabelo negro bem curto, ele era bonito e bem constituído, enchendo umas calças de ganga e uma t-shirt preta na perfeição. Inscrita na t-shirt estava uma alusão àquilo que ele fazia — bombeiro —, uma profissão que ela admirava.

Ele apertou-lhe a mão.

— Chamo-me Chad Dawson. — Apontou para a linda pastora alemã que estava elegantemente sentada aos pés dele. — Esta é a *Lady*.

— Olá, *Lady*!

A *Lady* estendeu a pata.

— Mas que menina tão esperta que é a *Lady*! — disse ela, olhando para o gráfico que trazia nas mãos. — Estou a ver que precisa de umas vacinas. Prometo que não vai doer.

Como não gostava de prolongar o stress dos seus pacientes, Lyssa tratou imediatamente das vacinas e deu logo a seguir um biscoito à cadela. O Sr. Lady manteve-se por perto durante esses minutos, com a sua água de colónia marcando uma presença suave na sala e o corpo largo absorvendo todo o espaço. Ela estava plenamente consciente da presença dele e do seu indisfarçado interesse nela, pelo que, quando acabava de preencher a ficha e se preparava para ir para a sala ao lado, não se surpreendeu quando ele a interrogou.

— Doutora Bates?

— Sim?

— Agradeço-lhe o cuidado que teve com a *Lady*. Ela detesta vacinas, e costuma tremer toda quando vimos ao veterinário.

Lyssa afagou as orelhas à *Lady*.

— Foste muito corajosa, *Lady*. Um dos meus melhores pacien-

tes de sempre. — Olhou para cima. — É uma bela cadelinha, Sr. Dawson.

— Chame-me Chad, por favor.

Ela sorriu, mas sentiu um pequeno baque no seu estômago, meio de excitação, meio de pânico.

— Espero que não leve a mal — começou ele, com um sorriso inocente — mas não pude deixar de notar que não usa aliança. Há alguém na sua vida agora?

A vontade de dizer “sim” foi poderosa e deixou-a confusa.

— Se não contar com gatos temperamentais...

O sorriso que ele lhe devolveu deslumbrou-a.

— Nesse caso, gostaria de a convidar para jantar um destes dias, se não tem nada contra sair com os donos dos seus pacientes.

— Nunca o fiz até agora — admitiu ela — mas há sempre uma primeira vez para tudo.

Tirou um bloco de notas com um anúncio a uma empresa farmacêutica na capa e trocaram números de telemóvel, marcando o jantar para o fim de semana seguinte.

Lyssa ficou na sala ainda algum tempo depois de Chad e a *Lady* terem saído, tentando perceber por que razão um encontro com um bombeiro bem-parecido que gostava de cães a estava a deixar triste.

Escondido para além da orla do Crepúsculo, Aidan olhava para a mulher que se contorcia na cama. Ela gemia muito suavemente, e o seu corpo nu arqueava-se enquanto ela acariciava o clítoris com uma mão enquanto enfiava dois dedos bem fundo na fenda húmida do seu sexo com a outra.

Ele quase não pestanejou, recusando desviar o olhar dela, e a sua mente ordenava ao seu corpo ausente que cooperasse e se excitasse. Em torno dele sentia e ouvia os Pesadelos a aproximarem-se, atraídos pela energia que a Sonhadora emitia por todo o Crepúsculo. Ela estava no máximo de vulnerabilidade, e era a missão dele protegê-la. Mas, apesar da sua vontade sincera de o fazer, não encontrava nele a mais ínfima réstia de desejo pela tarefa iminente.

Suspirando, Aidan fechou os olhos e emitiu um grito silencioso de ajuda. Enquanto a mulher na cama começava os primeiros

gemidos anunciadores do orgasmo, ele sentiu uma presença a seu lado.

— Estava mesmo à tua procura — disse a voz risonha.

— Hã?

Olhando para o lado, Aidan viu Connor e tentou não parecer aliviado quando viu o seu amigo começar a despir-se em óbvia antecipação.

— Eu recebi a missão de ajudar a tua Sonhadora esta noite, Cross. Supus que, assim que o soubesses, quisesses trocar de novo. Há semanas que me tens dado todas as tuas missões sexuais, mas tive sérias suspeitas de que quisesses ter outro sonho com ela. E estás mesmo a precisar disso, rapaz. A sério.

Aidan ficou hirto, e emoções que ele não compreendia totalmente começaram a invadi-lo.

— Lyssa Bates?

Connor anuiu, e esfregou as mãos.

— Seja o que for que sentes por ela, espero que dure ainda algum tempo mais. Trocar de lugar contigo é o máximo. E agora, se me dás licença...

O outro Guardiã entrou no sonho e a sua aparência mudou imediatamente para se acomodar à mulher de quem se aproximava. Aidan virou-se e afastou-se rapidamente, com os pensamentos de novo consumidos pela Sonhadora que não deveria voltar a ver mas que parecia ser incapaz de esquecer.

Passara-se um mês desde que ele estivera com ela pela última vez. Um mês passado a perguntar a outros Guardiões se sabiam quem passava as noites com ela, e a pressioná-los para que lhe contassem em detalhe o que fora dito e feito. Ela andava com alguém agora, um homem chamado Chad, e Aidan disse a si mesmo que era melhor assim, que a vida dela voltara à normalidade. Tentara seguir a sugestão dela e esquecê-la, assumindo missões que, outra, o tinham mantido distraído.

Nada resultava.

Agora movia-se pelo Crepúsculo com uma excitação apenas velada, sentindo o coração a bater furiosamente na expectativa de a ver de novo. O tom adocicado da voz dela e o seu perfume a flores tinham-lhe ficado marcados na mente, tal como a cor profunda dos seus olhos e os seus cabelos loiros. Mas, tal como uma ma-

nhã no Crepúsculo, os detalhes mantinham-se envoltos em bruma e estavam a dissipar-se. Um pouco mais de tempo e conseguiria esquecê-la.

Mas ele não queria esquecê-la. Pela primeira vez em muitos, muitos séculos, o seu sangue estava quente, e, pela primeira vez em toda a sua vida, o seu coração sentia a dor da saudade. Não podia deixá-la ficar a pensar que ela se limitara a ser mais uma missão dele. Antes de mais, precisava de lhe fazer entender que ele fizera amor com ela porque queria fazê-lo e por nada mais.

Descendo em direção ao solo, Aidan parou diante da porta de Lyssa. Queria abraçá-la de novo, receber a sua paixão e as suas carícias sedutoras. Estaria agora Chad a recebê-las? Só de pensar nisso, sentiu-se quente como uma fornalha e começou a suar.

Ela não tinha ido para a cama com o outro... ainda. Aidan sabia-o porque andara todos os dias a perguntar isso aos outros Guardiões.

Grunhindo levemente ao pensar nisto, levou a mão ao reluzente puxador novo que não existia na última vez que ali estivera. Entrou sem avisar e encontrou a mesma praia de que se lembrava ainda. A uma curta distância, Lyssa estava deitada numa cama suspensa de rede amarrada entre duas palmeiras, com as longas pernas desveladas pela racha do seu sarong e os seios viçosos mal ocultos pelos pequenos triângulos de um biquíni de crochê. No seu colo, estava um bloco de desenho, e as suas feições lindíssimas estavam cobertas pela aba larga de um chapéu de palha.

Suspense da visão da pele dourada dela e das madeixas de cabelo que a brisa tropical soprava para cima dos seus lábios acetinados, ele ficou ali sem se mexer.

Porque o afetava ela daquela forma? Sentia um tal desejo dela que mal conseguia andar. Uma mulher nua tinha estado a masturbar-se à sua frente, ansiosa por um pau duro, e ele não sentira nada. Nada. Tal como com todas as outras mulheres que ele evitara no mês precedente.

Obrigando-se à força de um controlo de aço, Aidan começou a dirigir-se na direção dela. Quando ela ergueu o olhar para procurar o dele, a cautela que ele viu nos seus olhos negros apertou-lhe o peito. A confiança que ela lhe entregara livremente na cama tinha desaparecido, e ele sentiu essa falta sobremaneira.

Suspirando, ela mudou a sua posição e sentou-se, atirando o bloco para a areia. Batendo com as pernas ágeis, ela fez com que a rede começasse a balançar.

Ele parou diante dela.

— Olá.

— Olá — disse ela num sussurro roufenho, observando-o cuidadosamente com os olhos negros.

— Como estás?

— Bem. E tu?

Aquela conversa vazia fê-lo ranger os dentes.

— Nem por isso.

— Ai sim?

Imediatamente, o comportamento dela mudou, e ela pareceu mais genuína, menos rígida. A empatia estava na natureza dela. Era uma das razões pelas quais gostava tanto dela.

— Não devia estar aqui esta noite, e não vou poder voltar depois.

— Porquê?

O balanço da rede parou.

— Há leis. — Ele aproximou-se. — Estamos proibidos de nos ligarmos sentimentalmente com os Sonhadores.

— Oh!

— E não posso permitir que isso aconteça, mesmo que não houvesse essa proibição. Com o meu trabalho sendo o que é.

Lyssa levantou a aba do chapéu, revelando o seu belo rosto, tão aberto e revelador.

— Estás a falar numa hipótese?

Ele anuiu.

— Estás a dizer que haveria uma possibilidade de te ligares a mim?

— Mais do que uma possibilidade — admitiu ele abruptamente. — Uma quase certeza.

Franzindo o sobrolho, ela virou a cabeça na direção do oceano. Aidan observou a queda do seu cabelo iluminado pelo sol, precipitando-se como uma cascata sobre o ombro nu. A boca dele secou e os punhos cerraram-se-lhe. O desejo de acariciar aquelas madeixas douradas por entre as pontas dos dedos era poderosíssimo.

— Então porque vieste? — perguntou ela, saltando para a areia.

— Por causa da forma como nos despedimos.

Ela voltou-se para o fitar.

— Não podia deixar-te a pensar que o que aconteceu entre nós era apenas o meu trabalho.

Lyssa era tão mais baixa do que ele que tinha de inclinar bem a cabeça para trás para observar as feições dele.

— Obrigada.

A serena dignidade dela era algo irresistível. Cerrando a distância entre eles, ele tirou-lhe o chapéu e atirou-o para o lado. Depois, com uma mão amparando a nuca dela, beijou-a. Um beijo rápido, seco.

— Fiz amor contigo porque não pude impedi-lo. Porque o quis mais do que qualquer outra coisa. Não me arrependo, e também não quero que te arrependas.

As pequenas mãos dela envolveram os pulsos de Aidan.

— Não me arrependo.

Ele encostou a testa à dela e inspirou o seu suave perfume florido.

— É como se já te conhecesse há imenso tempo — sussurrou ela. — Como se estivesse a dizer adeus a um velho e querido amigo.

— Também vou sentir saudades tuas — admitiu ele, antes de a beijar profundamente na boca, um beijo que procurava dizer “adeus” e tornar-se uma recordação que durasse toda uma eternidade. E então o sabor dela, doce e inebriante como vinho, subiu-lhe pela língua e embriagou-o.

— Lyssa.

Gemeu de pena e carência na boca dela.

Os braços esguios de Lyssa tentaram corajosamente envolver os ombros largos dele, e depois desistiram, deslizando para baixo e envolvendo as suas costas. Ele ia bebendo o sabor dela, dando-lhe estocadas com a língua entre os lábios tal como queria fazer com o seu pénis, fazendo deslizar as suas mãos calosas na pele suave dos flancos dela.

Fechando os olhos, Aidan inclinou a cabeça, encaixando os seus lábios nos lábios carnudos de Lyssa, engolindo os gemidos dela com um tremor que o abalou por completo. Ela entregou-se toda, levando as mãos por baixo da camisa dele e acariciando a sua pele, levando as

suas ancas até junto dele, num convite óbvio e tingido pelo mesmo desespero que ele sentia.

Quando a língua dela se misturou com a dele, ele afastou-se praguejando, com todos os músculos em chamas pela tensão. Mordiscou-lhe o queixo, lambeu e mordeu-lhe o pescoço, distraiu-a enquanto envolvia com uma mão o seu seio volumoso, amassando-o e sentindo-o crescer e ficar mais pesado com a escalada do desejo. Impaciente, afastou o tecido que mal o ocultava e acariciou o mamilo com movimentos circulares de dois dedos, puxando-o e apertando-o com pressão variada.

— Sim... — suspirou ela, instando-o a tomar tudo o que quisesse e quase sem se aperceber do quão faminto ele estava dela, faminto da sensação de intimidade que tinha encontrado com ela.

Baixando a cabeça, ele levou os lábios ao mamilo dela, duro e sedoso e com um sabor divinal. Chupou-o com ardor, e as suas faces esvaziavam-se a cada inspiração, com um ritmo cuidado e destinado a que a rata dela vibrasse por ele, fazê-la ansiar por ele como ele ansiava por ela.

Ela agarrou-lhe o rabo, apertou-o e puxou-o para ela. Através dos finos tecidos que se interpunham entre eles, conseguia sentir o calor de Lyssa. Fechando os olhos, encostou o nariz à pele dela para poder respirá-la e entranhar aquele odor definitivamente na sua memória.

Sentia no fundo de si uma tristeza, e levantou a cabeça. Que mal poderia fazer à ligação entre ambos se a tomasse novamente? Não sentia já desejo por qualquer outra mulher.

Ela abriu as pálpebras trémulas. Com a boca de lábios túrgidos e o mamilo enorme, ela era a imagem do abandono lascivo. Ele podia deitá-la na areia e libertar o pénis. Um breve puxão e o seu biquíni saíria facilmente, permitindo-lhe mergulhar nos abismos cremosos dela. Em toda a sua vida, nunca desejara tanto uma coisa como isso, agora.

— Tenho medo do que possa acontecer se voltarmos a fazer amor — sussurrou ela, com o peito subindo e descendo ao ritmo da sua respiração. — Eu quero mais, Aidan.

Apertando-a contra ele com força, Aidan pousou a face no topo da cabeça dela.

— Desculpa, mas não posso dar-to.

Forçou-se a largá-la, a abandonar o seu corpo quente e curvilíneo. Para sempre.

Ela ajeitou o biquíni e olhou para ele com olhos enormes e negros.

— Gostei que tivesses vindo, ainda que não possas ficar.

Com o polegar, ele acariciou a curva do rosto dela.

— Adeus, Lyssa.

— Adeus.

Girando sobre os calcanhares, ele afastou-se dela.

Sentia-a a observá-lo enquanto caminhava até que fechou a porta e esta se tornou numa barreira intransponível entre os dois.